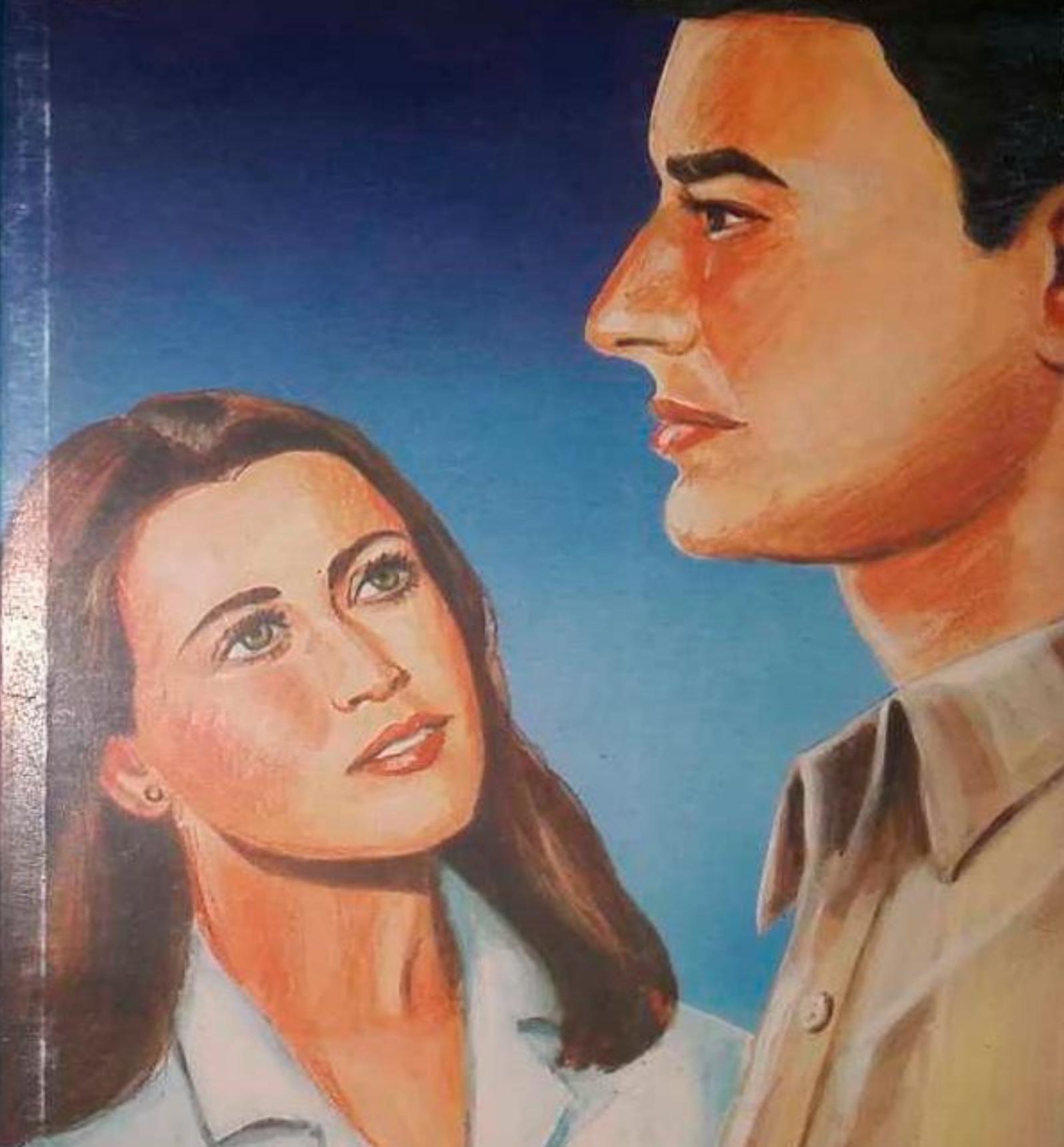


DIZ QUE ME AMA



ROSA FREUA DE CARVALHO



FEDERAÇÃO ESPÍRITA DO ESTADO DE SÃO PAULO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Apresentação

Quando analisamos de maneira genérica o comportamento dos seres humanos, observamos que nas oportunidades em que uma pessoa ou um grupo de pessoas compromete-se a trabalhar em prol do próximo, mesmo diante de vertentes contrárias, todo um fluir de fatos positivos começa a acontecer, surgindo colaborações inesperadas, dando a força suficiente, para que os sonhos e os projetos edificantes possam transformarem-se em realidade.

Nestes anos todos em que tive a oportunidade de conviver com esta querida irmã, a Prof^a. ROSA FREUA DE CARVALHO, constatei que ela é um destes grandes exemplos de realidade conquistada através de seus nobres projetos de vida. Desde o comportamento extraordinário no núcleo familiar, exercitando a renúncia pessoal a favor da educação e fraternidade junto aos seus entes queridos, numa vida vivenciada com todo o carinho e amor, dona Rosa foi acostumando-se a dar orientações a seus semelhantes, sempre alicerçada nos ensinamentos cristãos.

Passado o tempo, foi ampliando-se o número de companheiros, que nos momentos difíceis a procuravam, não somente para ouvir uma palavra amiga envolta na bondade que ela traz consigo, mas também para receber novas opções sobre uma conduta ideal de vida na busca constante do equilíbrio e do bem estar, nesta presente encarnação.

Possuidora de uma conduta moral irretocável, que lhe dá plenas condições para suplantar as constantes tentações do nosso mundo, ainda pouco evoluído, mostrou-se como uma fiel defensora das forças do bem, servindo como um grandioso modelo de postura verdadeiramente espírita, sempre amorosa e disposta a dar o melhor de si aos companheiros que passam por algum momento de aflição.

Outro aspecto digno de ser destacado é que sua mediunidade, aflorada desde a infância, vem lhe proporcionando a oportunidade de desenvolver cada vez melhor as suas tarefas na seara do bem, amparada numa sensível inspiração, que muito tem minimizado os sofrimentos alheios nestas últimas décadas, consolando corações desesperados e trazendo novos horizontes à vida daqueles que encontram-se perdidos na escuridão da dor.

Sabedora de que a mediunidade, quando beneficiada pelos raios de luz irradiados através do conhecimento da Doutrina Espírita, é um elevado veículo utilizado pelos espíritos, para que os homens instruam-se sobre as verdades ligadas ao intercâmbio entre os diferentes planos da vida, conscientizando-se que ainda são meros aprendizes na grande escola que é o universo, dona Rosa dedica-se diuturnamente ao seu trabalho mediúnico.

Neste romance DIZ QUE ME AMA, vamos encontrar muitas coisas importantes para nossa reflexão, quando estamos envolvidos em nossos sentimentos, às vezes deturpados pelas circunstâncias da vida cotidiana, porém, sempre servindo como um alerta, para não deixarmos escapar as oportunidades que temos, através das encarnações, para estarmos em plena sintonia com nossos entes queridos, construindo a base sólida para vivências felizes em vidas futuras.

É uma obra que serve como um exemplo, para que não nos deixemos envolver em erros primários, observando sempre que possível as atitudes que tomamos, pois se exercitarmos o livre-arbítrio, envolvendo-nos no caminho fraterno e do amor, sempre teremos uma nova oportunidade para sermos felizes!

Cáio A. P. Salama

Prefácio

Leitores amigos.

Terminamos mais uma história de amor.

É com alegria que lhes dedico estas páginas saídas da vida de pessoas que passaram pela Terra sofrendo toda sorte de desilusões.

O reencontro, depois de milênios, com as experiências adquiridas no transcurso das reencarnações, faz com que muitos corações endurecidos pelo ódio se transformem novamente na centelha Divina que o Criador colocou em cada ser.

Meus amigos, que possam encontrar um pouco do seu Eu interior, à medida que forem lendo estas páginas, e que elas sirvam para sua reforma íntima.

Até o próximo encontro.

Humildemente,

Isabel D'Silveira

Capítulo 1 O nevoeiro

A cidade de Petrópolis estava toda encoberta pelo nevoeiro, que há dias atormentava os habitantes dali, na maioria vindos do Rio de Janeiro.

Suas casas brancas pareciam acinzentadas, como se tudo estivesse escuro e sem vida.

Homens e mulheres corriam apressados para chegar logo em seus lares.

Lojas, bares e armazéns fecharam suas portas mais cedo, pois o prenúncio de uma grande tempestade deixava o ar abafado.

Lúcia sai também da loja em que trabalha, com a mesma pressa de todos.

Deixara sua mãe acamada e, aflita, pensava que ela estaria preocupada com a filha longe de casa em meio a toda aquela chuva, que logo despencaria do céu.

Com seus pensamentos no lar, no pai, que muitas vezes encontrava bêbado, Lúcia desce a ladeira com destino à sua casa.

Moça linda, de atrativos que chamavam a atenção de todos que a viam, estava como sempre bem-trajada: blusa de seda branca, saia de cetim preta, bolsa e sapatos de verniz

pretos.

Seus belos cabelos negros emoldurando um rosto com olhos da mesma cor, sobrancelhas arqueadas, pele muito alva, deixava, ao passar, um quê de admiração e deslumbramento!

Tinha apenas um irmão mais novo, de 7 anos, no qual punha todo o amor de moça, que ainda não encontrara no caminho, aquele que faria de seus sonhos o ideal para um casamento feliz.

Otávio correspondia com o mesmo carinho todas as atenções da irmã.

Lúcia, nessa época, contava 23 anos. Temente a Deus, sempre pedia a Ele que abençoasse seu lar, onde, com seu parco dinheiro, ajudava nas despesas da casa.

Descendo em direção de casa, nem repara que pingos grossos de chuva caem sobre seus cabelos bem-penteados, e que sua blusa branca já estava molhada.

Apressa o passo um pouco mais. O nevoeiro traz forte escuridão e mal dá para enxergar.

Encosta, então, na beirada de uma casa para se esconder daquela chuva.

Bem ali, a terra vinda de um barranco começa a formar uma lama que chega até os seus sapatos, tão bonitos! Olha para eles e sente pena de vê-los molhados e sujos.

O vento batia com força nos galhos das árvores e o balanço deixava cair as folhas secas, fazendo um amontoado das mesmas, que, com a correnteza das águas, eram levadas para a margem das sarjetas.

Lúcia se encolhia cada vez mais. Não era possível sair dali. Toda molhada, nem conseguia mais enxergar seus sapatos, cobertos pela lama da terra que caía do barranco.

Já estava ali há um bom tempo. Pedia a Deus que a chuva passasse e o tempo pudesse ficar mais claro; parecia noite.

Olhando mais para perto de onde estava, divisa um moço aleijado, que com muito custo se segurava em uma porta, pois suas fracas pernas não conseguiam mantê-lo em pé.

A bengala em que se apoiava fora levada pela correnteza.

Lúcia, com muito custo, consegue chegar até ele e, segurando em seu braço, pede para se apoiar nela.

Leôncio, assim se chamava, fica comovido com aquele gesto de fraternidade.

Sofrera um acidente, caindo de uma árvore e ficara lesionado na perna esquerda.

Moço, ainda, com 24 anos, já lutava pelo seu sustento e de sua família.

Casara bem jovem, aos 19, e tinha um filhinho com 3 anos; lutava muito para poder manter a casa em ordem, não deixando faltar nada ao filho e à esposa Teodora.

A chuva o pegara desprevenido e o vento forte havia feito cair sua bengala, sem a qual não era possível caminhar.

Segurando nas mãos de Lúcia, era como um menino que estivesse começando a andar, com medo de cair. Agarrados um ao outro, vão andando devagarinho, mesmo com a chuva forte mal dando para enxergar o caminho.

As ruas, inundadas, pareciam um rio.

Nem tinham forças para conversar.

Bem na praça, avistam um banco. Seria a salvação.

Apressam-se um pouco mais. Sentam-se, aliviados como náufragos que conseguem um tábuia para se segurarem.

Não havia viva alma por ali. As casas bem-fechadas não davam entrada a ninguém. Ficam, ainda, mais de meia hora

sentados, sem articularem uma palavra.

Aos poucos, a chuva foi cedendo. O céu, mais limpo, já dava sinal de que logo estariam livres do temporal.

O nevoeiro, com a chuva, já havia passado.

Os dois, sentados no banco da praça, olhavam-se sem saber o que falar.

Lúcia, mais desembaraçada, começa a conversar.

— Que sorte termos nos encontrado, não é?

— É, sim, minha cara moça. Deus lhe enviou para me ajudar, pois sem sua ajuda não conseguiria sobreviver; a correnteza com certeza teria me levado. Obrigado pelo que fez por mim!

— Não, meu amigo, se não fosse você eu também não conseguiria sair do atoleiro em que me encontrava. Como é seu nome?

— Leôncio, às suas ordens.

— Lúcia é meu nome. Vamos selar desse modo uma grande amizade, que se inicia hoje, de um modo trágico, mas com um fim benéfico a nós dois.

De mãos dadas como há muito se conhecessem, davam assim uma entrada para a continuação de um encontro de várias vidas passadas.

Naquele banco de pedra, com as mãos entrelaçadas, Lúcia e Leôncio permanecem como se estivessem voltando a um longínquo passado.

Despertando desse sonho, Lúcia levanta e, amparando Leôncio, o conduz até sua casa, que não era muito longe da praça.

Caminhando devagar, pois o companheiro não podia fazer muito esforço, chegam até a porta de uma singela casa, muito branca, com portas e janelas azuis.

Bem na porta, havia tochas de hortênsias azuis, e algumas mais rosadas, que emprestavam àquele ambiente familiar um quê de nostalgia e conforto.

Lúcia admira o bom gosto da singela casa, ao entrar na pequena varanda com samambaias dividindo os ambientes, emprestando algo de diferente, em que o verde de todos os matizes dava a impressão, a quem por ali passasse, de que era bem-vindo, bem-acolhido, naquele lar em que o amor deixava transparecer, no ambiente, sua força dominadora.

De repente, aparece Teodora, figura principal daquela casa onde a candura e a simplicidade mesclavam os dons da Divina Providência.

Bem agarrado à sua saia, o pequeno Teófilo, surpreso por encontrar uma pessoa estranha junto a seu pai, fica receoso de se atirar em seus braços, como sempre fazia, quando este chegava em casa.

Leôncio cumprimenta a esposa e filho e, apresentando Lúcia, conta o ocorrido, dizendo que se não fora ela, ele certamente não teria retornado ao lar.-

Teodora abraçou comovida aquela linda moça, que no primeiro instante lhe fizera ter ciúme do marido, pois Lúcia despertava atenção logo à primeira vista.

Sentaram-se, um pouco atrapalhados e, Lúcia, chamando Teófilo, procura segurar suas mãos, dizendo que também tinha um irmãozinho e, logo que fosse possível, o levaria para conhecê-lo. Nascia assim uma amizade sincera entre os quatro.

Depois de saborear um café quentinho, Lúcia pede licença, pois as roupas molhadas e a preocupação pela mãe a fazia ter pressa para o regresso.

Combinaram que logo iriam lhe fazer uma visita e conhecer sua mãe. Augusta, que naquele momento se desesperava à espera da filha.

A chuva já havia passado. O ar, ainda abafado, deixava infiltrar um cheiro de terra molhada.

Lúcia se dirige a seu lar com o coração cheio de ternura, pois, sem saber, havia se encontrado com antigos

amigos de outras vidas.

A satisfação era grande e assim entra na casa com um sorriso nos lábios.

Dona Augusta sente-se feliz por ver a filha alegre e Lúcia, abraçada a ela, relata o encontro com Leôncio e como ficara conhecendo sua família.

Naquela noite, agradecem a Deus por estarem juntos e felizes.

Capítulo 2 A Loja

(/Q) dia amanhecera límpido. Nenhuma nuvenzinha no céu, que, claro e brilhante, deixava cair sobre a Terra seus raios luminosos, secando toda a água da chuva que caíra no dia anterior.

Lúcia levantara bem cedo pois tinha de ir para o trabalho. Saía sempre às sete horas. Gostava de chegar antes do patrão e colocar sua mesa em ordem.

Há três anos trabalhava na loja do Sr. José, um simpático solteirão, que se apaixonara por ela desde a primeira vez que a vira.

Tinha já seus 40 anos, mas, mesmo um pouco gordo, era um belo homem. Os cabelos um pouco ralos, pois herdara a calvície do pai, o deixava um pouco desapontado, parecendo ter mais idade.

Quando Lúcia viera pedir o emprego, nem precisou mandá-la fazer nenhuma entrevista. Só em tê-la à frente, suas pernas ficaram bambas e ele tivera de se encostar na mesa para não cair.

Tinha olhos negros profundos, onde um sentimento de bondade deixava transparecer um brilho diferente.

Lúcia gostara também dele. Era solícito e a tomara como sua secretária.

Aquela moça, sempre atenta aos seus afazeres e que demonstrava um serviço limpo e caprichoso, agradara muito ao solteirão que até aquela data não tivera interesse por mulher alguma.

O serviço da loja de calçados não era muito. Embora tivessem clientela boa, naquele inverno pouco se vendera.

José, homem rico, não se abalara com a falta de vendas. Vivia alegre, sempre tratando bem seus empregados, que eram em número de seis.

Todos procuravam fazer o melhor para retribuir as delicadezas do patrão.

Entre os funcionários, havia um rapaz de nome João, que não via com bons olhos o carinho que José dispensava a Lúcia.

Lúcia achava-se ainda dominada pelo acontecido.

Nunca imaginara que pudesse ser surpreendida por tudo aquilo que martelava em sua mente, em seu coração.

Lembrava-se de cada detalhe e do inesperado encontro com Leôncio, que estranhamente parecia fazer parte de sua vida.

A princípio não gostara muito de Teodora, mas era tão grande sua simplicidade e meiguice que não pudera se conter e abriu seu coração para lhe dar um lugarzinho muito especial.

Ali, na loja onde era tão bem-vinda, olhava para tudo e para todos.

Ao divisar a figura de João, que parecia concentrado em arrumar algumas caixas de sapatos, seu coração sente por ele algo diferente: asco, rancor, coisas assim que a deixavam mal.

Não simpatizava com aquele moço, embora ele lhe mostrasse uma afeição profunda que a desagradava, pois era mesclada de ironia e inveja.

Muitas vezes o surpreendera olhando com maldade para o Sr. José, como se quisesse fulminá-lo.

Achava, porque não gostava dele, que poderia ser fruto de sua imaginação.

O Sr. José, nada notando, continuava com seus modos de patrão, mandando-o fazer isso ou aquilo e julgava que todos ali deveriam confraternizar para a harmonia e o bem-estar dos clientes e deles mesmos.

João sentia por Lúcia um amor desesperado. Dava para se notar pelo modo como ele se dirigia a ela.

Naquela manhã, Lúcia, ainda meio abalada com a tempestade do dia anterior, sente-se um tanto desligada do meio em que estava.

Leôncio vinha à sua mente, com os olhos no chão, procurando a bengala perdida nas águas da chuva.

O modo de lhe agradecer, as mãos entre as suas, como se ela fosse sua tábua de salvação; seus olhos doces e brilhantes, súplices até, para que ela entrasse em sua casa. Tudo isso a fazia recordar tempos idos, tão distantes, que no fundo de seu subconsciente, ali estava guardado como que para fazê-la lembrar que o tempo passa, mas permanecemos unidos.

Com os pensamentos voltados ao passado, Lúcia leva um grande susto quando ouve a voz do Sr. José, chamando-a para a realidade da vida.

Não sabe quanto tempo ficou fora, com aquela vonti não mais retornar.

Levanta devagarinho de sua cadeira e começa a arri sua mesa de trabalho. Naquele dia, o comércio estava par* De vez em quando, José observa aquela moça que fazia coração bater de um modo desordenado.

— Será que ela aceitaria almoçar comigo?, pensava.

Lúcia, nem de longe podia imaginar que seu patrão havi pensado em pedi-la em casamento. Trabalha tranquilamente como sempre, ciente de sua responsabilidade. Geralmente, o almoço dos empregados era espaçado. Iam de dois em dois. Lúcia não sentia fome e ficou por último.

Costumava tomar um lanche num pequeno bar perto da loja. Todos ali a conheciam. José ficou esperando Lúcia sair e foi logo atrás. Quem não gostou foi João, que ficou espreitando o patrão em seus menores gestos.

Chegando ao bar, José avista Lúcia sentada a uma mesinha. Dirige-se até lá e pede licença para sentar-se.

— Posso lhe fazer companhia?

— Pois não, Sr. José.

O garçom se apressa em servi-lo. Um pouco acanhado e receoso de sua coragem, pede um sanduíche e um refresco.

Começam a conversar sobre o nevoeiro do dia anterior e Lúcia lhe conta o que havia acontecido com ela e como conhecera Leôncio.

— Leôncio, diz José, conheço-o há muitos anos. É um moço muito esforçado e, mesmo sendo deficiente, trabalha mais do que um homem são.

— **Então, o senhor o conhece? Gostei muito de sua família e logo irei visitá-los novamente.**

Assim andava a conversa quando Lúcia achou que era hora de voltar para o trabalho, pois seu horário já havia se esgotado.

- Fica mais um pouco me fazendo companhia, ... lhe pede José.

- Mas... tenho que terminar o relatório para a fábrica do interior. E um contrato para a firma onde nos comprometemos vender todo seu estoque.

- O que tem isso? Tudo pode esperar. O mais importante é estarmos aqui, agora.

Pressentindo que o Sr. José estaria se declarando a Lúcia, João se dirige à mesa deles e, sem cerimônia, senta-se ali, sem mesmo pedir licença.

Lúcia levanta apressadamente e José fica com uma grande raiva da intromissão de João, justamente na hora em que ele tivera a coragem de falar com Lúcia mais intimamente.

Levanta-se, também, deixando transparecer sua contrariedade.

João sorri satisfeito por ter impedido que José se declarasse àquela que ele julgava lhe pertencer. Não admitia que José pudesse levar a melhor. Não, ele iria fazer de tudo para conquistar Lúcia.

Desde que viera para a loja nutria por ela um amor descontrolado. Sentia até que poderia matar aquele que ousasse roubá-la dele.

Continuava a sorrir e pediu ao garçom um pequeno almoço onde se farta feliz da vida, mal sabendo que aquele gesto mais tarde lhe custaria caro.

José chega apressado na loja e olha com vergonha para Lúcia, que finge não ver aquele olhar que lhe implorava desculpas.

O resto do dia passou um tanto estranho para os três, cada um buscando uma desculpa para o seu comportamento.

Às 18 horas, Lúcia se prepara para sair. José, atrapalhado com suas papeletas, não percebe que ela já se retirava. João se apressa em acompanhá-la, fazendo de conta que não queria nada.

— Lúcia, posso acompanhá-la até a praça?

E que, diz Lúcia, vou passar em casa de uns amigos e tenho que andar depressa, pois já se faz tarde e apenas quero convidá-los para irem amanhã à minha casa, pois é aniversário de meu irmãozinho.

— Não sou convidado? Gostaria de ir e conhecer sua família.

Lúcia, um pouco desconcertada, não teve outro jeito senão convidá-lo. Separando-se de João, maldizia-se por ter falado do aniversário do irmão. Iriam apenas convidar Leôncio e a família para assim se conhecerem melhor. Outra pessoa estranha, medindo tudo que iriam fazer ou falar, não estava em seus planos. Não apreciava muito João, apenas o tolerava por trabalharem juntos.

Capítulo 3 O aniversário

Era sábado e Lúcia iria trabalhar somente meio período. A noite já deixara tudo preparado para a recepção. Quando convidara Leôncio e sua família, sentiu uma grande alegria por parte dele e do filho. Teodora não parecia alegre com o convite. Na verdade, dentro de seu coração generoso tinha receio daquela amizade. Era como se Lúcia tivesse vindo buscar Leôncio para sempre.

A pequena sala de jantar estava primorosamente ornamentada de acordo com o que Lúcia pudera fazer, pois o orçamento daquele mês estava bem apertado.

Olha ao seu redor e acha que tudo estava em ordem. A sala, na sua simplicidade, como se fora aprimorada para uma elegante recepção. Fizera questão de colocar em cada lugar um mimo, traduzindo, assim, a sua alegria em receber pessoas tão queridas. Parecia que não era a primeira vez que as recebia, mas sim que as conhecia de longa data.

Um pouco nervosa e agitada ia e vinha da cozinha para a sala e da sala para a cozinha. Dona Augusta se preocupa com a filha, que no cotidiano era tão calma; acha-a agora fora do normal.

Enfeitara a casa toda com samambaias, pois achava que eram as preferidas por Leôncio.

Os convidados chegaram no horário estipulado: 16 horas. Quando bateram na porta, Lúcia correu para recebê-los, sendo seguida por Otávio, o aniversariante, e por dona Augusta.

Depois dos cumprimentos, todos se sentam, enquanto os meninos correm para o quintal.

Desde o primeiro instante Teófilo e Otávio se sentem amigos. Lúcia já começara a servir alguns salgados quando ouve bater na porta. Nem mais se lembrava de que convidara João e o recebe um pouco a contragosto.

João percebe que não é bem-vindo, mas não deixa transparecer nada. Entra alegremente no recinto e pergunta por Otávio; trazia um belo presente para o garoto e um lindo ramo de rosas para dona Augusta.

Esta agradece a gentileza de João, que se desdobra em medidas e agrados, principalmente querendo impressionar Teodora, que o achou simpático e elegante.

Otávio, chamado por Lúcia, vai até a sala cumprimentar João e fica feliz com o presente, um belo carrinho que dando corda se jogava e dava cambalhotas. João queria que o menino gostasse dele para assim tomar mais fáceis as visitas que pretendia fazer novamente àquela casa.

Já sentia que conquistara dona Augusta, e o menino não seria difícil. Quis ir até o quintal para se divertir com as brincadeiras dos meninos. Teófilo, um pouco acanhado, não se sentiu muito à vontade em companhia daquele homem, que o olhava de um modo que não o agradava.

Assim ficaram um bom tempo até serem chamados para cortar o bolo do aniversário.

Otávio, chegando na sala, insiste para esperarem o pai.

- Mas Lúcia, papai prometeu-me que viria pelo menos na hora de cortar o bolo... vamos esperar mais um pouco...

Todos olharam em direção da porta. Vem entrando o Sr. Júlio, homem cansado e destruído pela bebida.

Lúcia sente pena do pai e, ao mesmo tempo, vergonha. Quisera que ele tivesse ficado pela rua, como sempre fazia. O que iriam pensar seus novos amigos? E João, que tinha uína matraca na boca? Na loja, todos iriam rir de sua amargura por ter um pai daquela espécie.

Otávio corre para abraçar o pai. Na sua inocência, não sabia distinguir se o pai estava sóbrio ou não. Era seu pai e tinha por ele um grande carinho, pelo qual era retribuído.

Mal se agüentava nas pernas. Júlio procura uma cadeira, onde joga seu corpo fraco e debilitado pela falta de alimento.

Dona Augusta procura melhorar o ambiente ficando perto do marido e apresentando-o aos convidados.

João sorratamente dá um jeito de ficar perto de Júlio. Por nada no mundo perderia o prazer de se vingar de Lúcia na hora certa. Começa a conversar com Júlio, que, estando embriagado, falava o que não devia. Todas as palavras de Júlio eram recolhidas amorosamente e colocadas bem no fundo de suas lembranças para tê-las à mão na hora precisa.

Cantaram, comeram e finalmente se despediram.

Na porta, Teodora agradece a bela tarde que tiveram. Le-ôncio prende as mãos de Lúcia nas suas e lhe diz que havia adorado estar com todos.

João observa tudo e não se conforma; para ele, Lúcia e Leôncio já eram conhecidos e estavam ali fazendo uma representação.

Com certeza, querem ficar perto um do outro. Por isso, aproximaram as famílias.

Como na mente do ser humano tudo é possível, vamos deixar para que, no decorrer da história, possamos julgar lesse coração doentio.

João se despede de todos e sai com seus pensamentos em redemoinho.

Ouviu bem as últimas palavras de Júlio quando partiam o bolo de aniversário:

— Como meu neto está crescendo! Quem diria!...

João achegou-se bem a ele, mas não ouviu mais nada. Júlio se inclinou e começou a dormir.

Seria alguma brincadeira ou aquele menino era filho de Lúcia?

Iria desvendar aquele mistério, que o estava agonizando.

Capítulo 4 Pedro

Vamos retroceder 9 anos para que os amigos possam entender as palavras de Júlio, ditas em uma hora imprópria, podendo assim levar para outro caminho o destino do pequeno Otávio.

Júlio e Augusta moravam no Rio de Janeiro.

Viviam bem. Ele trabalhava no comércio e Augusta cuidava da casa e de Lúcia que nessa época contava 14 anos.

Era uma bela garota e os meninos da redondeza não a deixavam em paz. Ria sonoramente, isso a fazia linda, e era agradável com todos. No colégio era tida como boa aluna, sempre atenta, a alegria dos companheiros e

principalmente dos pais.

Um dia, um fatídico dia, como dizia Augusta, Júlio levou para jantar em sua casa um amigo que conhecera há alguns meses, com quem travara uma grande amizade.

Pedro era alegre e folgazão. Todos gostavam dele pela sua prazeirice e ninguém ficava triste em sua companhia.

Augusta corre à cozinha para melhorar o jantar e repreende Júlio por não tê-la avisado.

Sentam-se à mesa e Júlio pergunta por Lúcia.

— Virá logo, responde Augusta. Foi até a casa de Júlia buscar uns bordados que vamos fazer. Podemos começar, logo ela estará aqui.

Nem bem acabara de falar, entra Lúcia como um sol radiante que penetra na sala.

Pedro levanta para cumprimentar a mocinha e fica impressionado com aquela figura tão deslumbrante!

— Júlio, você não me falou que tinha uma jóia tão rara em sua casa! Pensei que sua filha fosse pequena, pois você nos fala dela como uma princesinha que ainda não saiu dos cueiros.

Lúcia estaca, fica paralisada! Quem seria esse moço que a deixara tão perturbada?

Também estava preocupada se tudo estava em ordem. “O papai sempre faz dessas, traz pessoas estranhas e ficamos apuradas com elas. Ainda bem que mamãe é bem desembaraçada”, pensa ela.

Senta-se, também, à mesa e começa a comer maquinalmente, pois sente os olhos de Pedro presos nela.

Júlio não gostou nada do que estava vendo. Pedro era um rapaz vindo do interior e ele não sabia nada de sua vida. Tinha 26 anos, quatro a menos que ele. Procura levar a conversa para outro rumo, mas sente que daquele momento em diante não teria mais paz.

Pedro não deixou Júlio mais sossegado. Como ele mesmo havia previsto, sua tranqüilidade fora perturbada por um estranho.

Onde Júlio ia, lá estava Pedro. Trabalhavam na mesma firma, mas Pedro fazia de tudo para sempre estar com Júlio e na hora de se separarem queria chegar até sua casa.

Júlio se esquivava, mas ele fazia que não notava que estava sendo imprudente.

Lúcia, certa manhã, ao sair de casa para a escola, depara com Pedro, que a esperava na esquina, escondido, pois não queria que o amigo o visse perseguindo a filha.

Lúcia leva um grande susto!

— Sr. Pedro, está esperando papai?

— Não minha princesa, estou esperando você.

Lúcia, perturbada mais uma vez com a presença daquele homem, se sente lisonjeada por ele estar se preocupando com ela.

— Sr. Pedro, me esperando pra quê?

Pedro lhe dirige um sorriso amoroso e com seu olhar a cobre de carinhos, mas não responde. Nem era preciso; Lúcia estava ali, trêmula, como se o inverno chegasse de repente.

Suas mãos estavam frias e Pedro ao pegá-las sente-se também trêmulo, parecia um garoto de 15 anos.

“Porque tenho que me portar assim frente a uma colegial? Já passei por muitos amores em minha vida e agora frente a uma adolescente sinto-me como um fraco”, pensava ele.

Tenho que seguir para a escola, tenho provas hoje, o senhor me dá licença?

Meio mudo, pois achara que estava sendo infantil, diz: Lúcia, gostei muito de você, não posso esquecê-la, não durmo, não como, meus pensamentos só seguem a sua imagem. Você me enfeitiçou menina e agora preciso do remédio para minha cura.

A menina, que também estava com os mesmos sintomas, responde ingenuamente:

— Também eu, Sr. Pedro, não como, não bebo e não durmo. O senhor tem o nome desse remédio?

— Tenho sim, minha menina, esse remédio chama-se amor e suas chamas podem nos queimar se não formos precavidos.

Lúcia olha para aquele homem tão bonito, bem-trajado, com palavras tão doces nos lábios e sente um calafrio percorrer seu corpo de menina-moça, que até aquela data não ouvira palavras tão maviosas para o seu coração que se despertava para a vida.

Seria vida ou morte? Não sabia e não entendia. Queria apenas desfrutar da presença de Pedro que a envolvia num doce enlevo de ilusões.

A manhã era convidativa a um passeio. O Sol, despontado há muito, deixava cair sobre a Terra seus raios luminosos trazendo aos transeuntes matutinos o prazer de uma caminhada agradável.

Lúcia se sentia constrangida diante do rapaz. Não tinha coragem de sair do lugar. Pedro então tomou a palavra.

!!— Lúcia, vamos caminhar um pouco. Tenho muitas coisas para lhe dizer ...

Lúcia não sabe como agir; queria ficar ali contemplando Pedro, mas alguma coisa dentro dela fazia com que recusasse e não aceitasse tão amável convite.

— Não posso, tenho prova, se chegar tarde vou perder o ano, pois tenho notas baixas nessa matéria e papai não vai gostar nada se souber que saí por aí, mesmo sendo o senhor amigo dele.

Ao ouvir o nome de Júlio, Pedro se recompõe e acha melhor não ir com tanta pressa; sua andorinha poderia voar e ele a perderia.

— Bem minha garota, vou levá-la até a porta da escola pelo caminho poderemos nos conhecer melhor.

Pedro sai pela calçada, e, como suas passadas eram largas, Lúcia o acompanhava quase correndo. Quando percebeu, diminuiu o passo para caminharem juntos. Estava nervoso, não sabia mais o que dizer, mas prometeu a si mesmo conquistar aquela inocente criatura que o despertava cada dia mais.

Lúcia entra correndo pelo portão e mal chegando na classe joga o corpo na cadeira, sentindo o pulsar forte de seu coração.

- O que está acontecendo comigo? E a segunda vez que vejo o Sr. Pedro e me atrapalho toda perto dele. Vai me julgar uma tonta...

Enquanto isso, Pedro retorna ao trabalho com o pensamento fixo na menina, na filha de seu melhor amigo, que até aquela data se mostrara tão complacente.

Regressando ao lar, Lúcia vai direto para o quarto pretextando uma forte dor de cabeça. Augusta corre a fazer um chazinho para a filha e se preocupa muito por não aceitar nenhum alimento.

Todos os dias, a partir daquele, quando Lúcia chega na esquina, lá está Pedro esperando-a. Já começa a arrumar melhor os cabelos, colocando uma bela fita para prendê-los, seu uniforme também estava bem passado, o que despertou a atenção de Augusta, pois a filha nunca se incomodara com aquele detalhe do uniforme.

Três meses haviam se passado. Pedro e Lúcia, em pequenos encontros, davam vazão a essa ilusão amorosa, que deixava transparecer um lindo e sincero amor.

Pedro se dirigia a ela com palavras saídas de seu coração e ela, a menina que despertara para esse grandioso

amor, se deixava envolver sem pensar nas conseqüências.

Das pequenas caminhadas até o portão da escola passaram para um pequeno lanche, depois um passeio mais distante e, por fim, o desfecho, que trouxe à Lúcia a incerteza de sua vida de moça que não tivera o cuidado de se resguardar.

Dois meses se passaram nesse amor desordenado.

Quando Lúcia, conversando com uma amiga de sua confiança, contara que sentia algo diferente em seu corpo, a amiga, mais velha e mais experiente, lhe diz:

— Cuidado Lúcia, pelo que você está me contando acho que você está esperando um filho, pois todas as vezes que mamãe se sente assim é mais um irmãozinho que chega lá em casa.

Lúcia fica muda! Então, aquilo tudo não era normal? Por que se deixara induzir pelas doces palavras de Pedro?

O que diria a seus pais? O que será de mim, meu Deus!

Há muito faltava às aulas e a professora já perguntava por ela, sempre aparecendo no final da aula, dando uma desculpa de não ter podido chegar na hora.

Quando seus pais ficarem sabendo, não tinha ideia de como iria enfrentá-los.

Lúcia, abalada com a notícia, não consegue nem ficar de pé.

Toda sua vida de menina despreocupada estava terminada. Conseguira arruinar o que começava a florescer.

— Deus meu, o que farei? Como enfrentar meus pais, toda a família, os amigos?

Com os passos trêmulos volta para sua casa; olha para sua mãe e começa a chorar. Menina ainda, não podia compreender tudo o que estava acontecendo. Fora criada rigidamente

pelos pais com costumes mais antigos e agora se sentia incapaz de arcar com aquela responsabilidade.

Pensa: amanhã falarei com Pedro e ele com certeza irá resolver da melhor maneira possível. Com aqueles pensamentos positivos, consegue dormir sonhando com Pedro e esperando dele a resolução de tão grave problema.

Bem cedo, Lúcia já se achava de pé. Sente o chão como se estivesse fora de seu alcance. Logo melhorou e se arrumou, tomou um pouco de café e saiu correndo ao encontro de Pedro.

Lá estava ele, sorridente à sua espera. Lúcia não sabe como começar e chora. Carinhosamente, ele pergunta o que estava acontecendo. Com receio, muito sem jeito conta que achava que estava esperando um filho.

Assustado, procura consolar a garota, que parecia ainda mais criança, chorando copiosamente.

— Pedro, o que vamos fazer? Você vai casar comigo? Como vamos contar aos meus pais? Diga, Pedro, diga que me ama e que vai casar comigo!...

A transformação de Pedro foi terrível!

— Você está louca! Como vou casar com você se tenho mulher e filho? Pensa que é assim? Gosto de você, creio até que a amo muito, mas definitivamente não posso assumir nada, sou casado. Seria bom procurarmos alguém para tirar essa criança.

Lúcia, de repente, pára de chorar.

— Ajá! Então, o amor que você diz ter por mim era falso. Você já tinha mulher e filho e me enganou ... Acreditei em você, me deixei levar por um amor verdadeiro e você estava apenas se divertindo com a filha de seu melhor amigo; não soube respeitar aquilo que ele mais ama, que sou eu!

Pedro, ainda nervoso, procura contornar; com palavras mais doces tenta mostrar à Lúcia a necessidade de tirar a criança.

Ficaram por um bom tempo calados e Lúcia, olhando aquele rapaz em que depositava todo seu afeto, não acredita, não quer acreditar.

A reação de Lúcia ouvindo Pedro dizer que era casado, que seria prudente tirar a criança, a fez ficar desorientada. Seu primeiro impulso foi sair correndo na direção de sua casa. Não conseguia pôr seus pensamentos em ordem, era como se tivesse caído em um abismo.

Augusta estranha ver a filha correndo para o quarto e vai atrás para saber o motivo de tanto abalo.

Lúcia diz que se sentia mal e achou melhor voltar, tomar algum remédio, pois sua cabeça doía muito e ela não conseguia raciocinar bem.

Augusta acomoda a filha na cama e vai cuidar do almoço. Sob o efeito do analgésico, Lúcia consegue dormir um pouco. Quando Júlio chega em casa, ela acabara de levantar. Todos na mesa, Júlio diz:

— Imagine, Augusta, Pedro se foi, pediu demissão da firma e nem se despediu de mim que sempre o tratei com tanto afeto.

Ao ouvir as palavras do pai, Lúcia cai no chão, tamanho o susto que levava.

Os pais, aflitos, procuram ampará-la e fazê-la voltar do desmaio. Instantes depois abre os olhos, mas eles estão marejados de lágrimas. Sem sentir, diz: “Ele não podia fazer isso comigo, logo agora que estou esperando um filho seu”.

Augusta e Júlio param; pensam que estão ouvindo mal, ou que estão no meio de um sonho terrível em que o mundo desabara aos seus pés. Chorando e pedindo perdão, Lúcia conta toda sua tragédia, seu envolvimento com Pedro, o amor imenso que sente por ele e o fracasso de todas as suas ilusões de me-nina-moça que começara a despertar para a vida.

Júlio sai. Volta somente altas horas da noite, embriagado, se culpando por ter levado Pedro a sua casa, onde

conheceu Lúcia e trouxe a todos o pesar de ver destruída uma vida e o começo de outra.

Desde aquele dia, Júlio chegava em casa bêbado não falando coisa com coisa.

Augusta se desespera, pois precisava do apoio do marido para enfrentarem juntos aquele problema tão difícil.

Nos três primeiros meses, Lúcia ainda continuou na escola, pois estava no fim do ano e terminava o ginásio. Continuou normalmente, mas se sentia mal e às vezes chorava baixinho, não se conformando com sua desdita.

Para que os vizinhos não ficassem sabendo, mudaram-se para onde ninguém os conhecia.

Júlio continuou na firma, mas, desleixado como estava e sempre embriagado, fora mandado embora.

Augusta começou a costurar para fora, e, como fazia belos vestidos, ficou conhecida, cuidando assim da família.

O pequeno Otávio nasceu lindo, mas muito enfraquecido.

Augusta combina com Júlio que iriam registrá-lo como filho e mudariam de cidade logo que Lúcia estivesse boa para a viagem.

Lúcia, muito cordata e tímida, tinha vergonha de dizer que a criança era dela e assim Otávio conheceu, como pais, seus avós.

Mudaram para Petrópolis quando a criança tinha 5 meses.

Lúcia adorava o menino, mas o aceitava como se fosse seu irmãozinho. Otávio, por sua vez, se encantava com a suposta irmã e nunca dormia se ela não fosse acalenta-lo.

Quando em frente ao berço do filho; Lúcia sentia piedade daquele entezinho que não tinha um pai verdadeiro. Se indignava quando lembrava que Pedro queria se livrar do filho e não medira esforços em querer encaminhá-la a um crime.

Olhava o filho inocente, que fora prova de seu primeiro amor, maltratado, espezinhado...

Não queria de jeito algum voltar a ver Pedro e prometera a si mesma que não amaria a mais ninguém na vida.

Assim se deixara levar, embalada nas nuvens da indiferença. deixando o tempo correr.

Agora, com 23 anos, Otávio com 8, se sentia feliz pois deixara o filho viver. As vezes tinha vontade de dizer a ele tudo que ia dentro de seu coração maltratado pelos desenganos da vida.

Não gostava de voltar ao passado. Para ela era uma página arrancada do livro de recordações que a fazia sofrer muito.

Arranjara esse emprego, pois a mãe continuava com as costuras e ela queria alguma coisa diferente. Tinha muito bom gosto e apreciava ver as lojas sempre bem-arrumadas e repletas de gente.

A vida calma de Petrópolis trouxera estabilidade à família. Júlio não conseguia emprego, pois estava acostumado à bebida e não tinha vontade de se libertar dela.

Lúcia sentia pelo Sr. José um grande afeto; mas, quando o surpreendia com os olhos cravados nela, procurava se esquivar. Não pretendia casar, assim eram seus pensamentos até aquele dia da festa de aniversário.

Capítulo 5 A intrigas de João

João, ao sair da casa de Lúcia, tinha o firme propósito de desmascarar a moça que não correspondia ao seu afeto.

Por sua vez, a moça se aborrecera muito com a presença do colega de trabalho.

Augusta havia gostado de João, porque ele a presenteara e lhe fizera muitos agrados com palavras cheias de doçura.

Com receio, Lúcia mal consegue dormir. Fora um sono cheio de sonhos fantásticos em que João era seu marido e ela não conseguira levar o casamento, pois gostava muito de outro homem, um colega de classe com quem estudara durante longos anos. Esse colega era Leôncio, um rapaz rico, cujo pai muito poderoso não deixara o filho se casar com ela, que era de família humilde, mas muito honrada.

João odiava Leôncio, que tinha como pai José, seu patrão da loja onde trabalhava nos dias dessa encarnação. Pedro era amigo íntimo de Leôncio e todos sabiam do amor que tinha por Lúcia.

Lúcia sofrera muito com esse casamento e um belo dia resolve abandonar o lar, deixando com João seu filho de 3 anos. No sonho, ela olha para o filho e vê, nele, Otávio, e Pedro perto sorrindo para ela. Acorda assustada, pois não entende nada do que estava se passando. Consegue dormir novamente e vê Pedro que chora por ela, pedindo que se case com ele.

Confusa com tudo que sonhara, como se fosse uma seqüência de vida, acorda com o despertador. Levanta logo, pois já estava atrasada para o trabalho. Olha para a cama de Otávio e uma ternura muito grande a envolve, fazendo-a suspirar de saudade do único homem que amara até aquela data.

Onde estaria Pedro? O que fora feito daquele que ela tanto amara a ponto de ter um filho seu? Onde se evaporara aquele belo moço que a deixara desamparada com a responsabilidade do filho que seus pais adotaram?

Não gostava de recordar, mas aquele sonho trouxera ao seu coração uma saudade profunda. Nunca pudera imaginar que a imagem de Pedro refletida no sonho pudesse despertar-lhe tanto amargor.

Pensando nele sai para o trabalho. Caminha devagar como se alguma coisa estranha fosse acontecer. Sente uma sensação de insegurança e mal-estar. E que, escondido atrás de uns arvoredos, estava Pedro, esperando-a passar. Aquele moço, cheio de alegria e mocidade, estava diferente.

Havia anos que procurava Lúcia, mas ninguém lhe dava notícias.

Quando saiu, feito um malfeitor da vida de Lúcia, foi direto para Campinas, onde morava sua família: mulher e filho.

Todos ficaram preocupados com seu modo de agir. Parecia um desajustado. Não conversava. Ficava horas com os olhos distantes como se olhasse para o vácuo.

Sua esposa, moça caseira e carinhosa, tudo fazia para que o marido contasse o motivo por que deixara o emprego, mas ele sempre calado fizera com que todos se afastassem dele.

O filho, muito pequeno ainda, não entendia por que o pai não brincava mais com ele. Pedro não deixava de pensar em Lúcia, no seu modo de falar, de sorrir, da sua ingenuidade de menina-moça que se deixara levar pela sua leviandade de moço mais velho e que não soubera respeitar a filha de seu melhor amigo.

Lúcia sente seu coração descontrolado como se algo fosse acontecer. Mal sabia ela que Pedro estava bem ali, espreitando-a, admirado por vê-la cada vez mais linda, mais mulher, com o semblante de pessoa mais madura pelos sofrimentos, mas sempre ativa, com um andar elegante, deixando no ar um perfume que ele não conseguira esquecer.

De há muito, Pedro procurava por Lúcia. Quando saíra de sua vida sem deixar nenhum sinal, estava apavorado, pois não podia assumir a criança e achava mais fácil resolver o problema eliminando-a.

Com o passar dos meses aquela imagem sofredora de Lúcia não saía de sua frente.

Deixara a vida rolar e agora resolvera procurá-la, pois sua esposa havia falecido em um desastre, junto com o filho.

Sentira profundamente a partida da esposa e principalmente do filho.

Isso acontecera há 3 anos. Voltara ao Rio para procurar trabalho. Foi até a casa onde conhecera Lúcia, mas ninguém sabia de seu paradeiro. Desesperado, resolve percorrer todos * os lugares e bairros sem resultados.

Um belo dia, encontra um antigo colega de trabalho que lhe dá notícias de Júlio da seguinte forma: — Não sei em que rua mora, mas sei que é em Petrópolis.

Pedro sente-se reanimar. Percorre todas as ruas de Petrópolis. Como precisava de um par de sapatos, dirige-se justamente à loja onde Lúcia trabalhava. Chega na porta para entrar e estaca. Lá dentro, sentada em uma escrivaninha, estava a deusa de seus sonhos. Não tem coragem de entrar. Lúcia estava apenas mais velha, mas com os mesmos traços queridos de que ele sentia tanta saudade.

Fica esperando-a sair e, sem que ela percebesse, acompanha seus passos até sua casa. Na porta da casa, um menino, que ele percebeu seu retrato vivo, vem ao encontro de Lúcia e a abraça com ternura.

Então, era seu filho... aquele menino que ele covardemente quisera matar, fugindo da sua responsabilidade.

Vários dias fica de tocaia observando todo o movimento da família. Viu Júlio sair e ir direto para o bar e sair de lá completamente embriagado.

Como Júlio mudou, observa ele... mas, por que estaria bebendo tanto, ele que era avesso à bebida?

Seria porque ele, Pedro, lhe fizera tanto mal?

Conversa com as pessoas da rua e fica sabendo que o menino era filho de Júlio.

Sente vergonha em saber que aquele farrapo de gente estava assim por sua culpa.

Como remediar tudo aquilo? Sem saber como agir, pede a Deus que o ilumine para que possa fazer alguma coisa a fim de reparar seu grande mal.

Assim, já havia passado uma semana e ele não tinha coragem de se aproximar de Lúcia.

Vai seguindo seu caminho. Quando tomara coragem de se dirigir a ela, eis que surge Leôncio e feliz cumprimenta a moça, que por sua vez sente uma grande alegria no reencontro. Desde o aniversário de Otávio que eles não se viam.

De mãos dadas, conversam animadamente e Pedro sente um forte ciúme crescer dentro dele.

Será que Lúcia tinha um namorado? Pensa ele.

Pedro não consegue controlar suas emoções. Ali, bem perto, se achava Lúcia, com as mãos entre as de um desco-1 nhecido. Quem seria aquele moço, que se escorava em uma bengala? Seria seu namorado?

Enquanto isso, Lúcia indiferente a tudo, pois nunca pode- j ria imaginar que Pedro estivesse ali, bem perto, sorria feliz /para Leôncio, perguntando por Teófilo e Teodora.

Conversam durante uns minutos e se despedem prometendo visitas um ao outro.

Continuando seu caminho, Lúcia percebe que João estava 1 observando-a sentado em um banco, na praça.

Há tempos que João persegue Lúcia, acompanhando seus j passos, pois queria se vingar dela e procurava qualquer desli- 1 ze para poder realizar seu desejo.

A poucos passos dele, Pedro também viu João e achou prudente aproximar-se dele, aquele moço devia estar interessado em Lúcia, pois seus gestos e olhares demonstravam o grande amor que guardava em seu coração.

Sem nem mesmo pedir licença, vai se assentando no banco da praça e procura conversar.

João, mal-humorado, a princípio, respondia por monossílabos, depois foi-se deixando levar e aos poucos foi contando sua vida, sua desilusão por Lúcia, que parecia não vê-lo, e, também, sua desconfiança de que o menino era mesmo filho dela e não seu irmão como ela dizia.

Pedro teve medo daquele moço que, no seu falar, transmitia o ódio de que era possuído. Aguarda mais uns instantes e se despede, prometendo encontrá-lo no dia seguinte, no mesmo horário, para um dedinho de prosa.

Sai apressado, mas Lúcia já estava na loja, preparando sua mesa com seus papéis para o trabalho do dia.

Pedro sabia que Lúcia corria perigo e pensou fazer algo para evitar uma tragédia.

Volta até o bairro onde Júlio mora e entra no bar onde ele estava bebendo com os amigos.

Depois de tantos anos, Júlio se acha frente a frente com o amigo que infelicitara sua filha querida.

Pensa que estava vendo uma miragem, pois já havia bebido dois cálices de cachaça bem forte e não queria acreditar que ali estava o homem que ele há anos atrás queria matar. Suas pernas falseiam e ele cai.

Pedro corre a socorrê-lo. Levanta Júlio, que mais parecia um farrapo humano. Tem pena do homem, que ele reduzira à miséria, e não sabe o que dizer.

Júlio, com a mão levantada, quer mostrar todo seu rancor, mas começa a chorar baixinho como uma criança que perdera seu precioso brinquedo.

Condoído da fraqueza do amigo, que em outros tempos era um distinto moço, cheio de alegria e juventude, retrocede por alguns instantes e, também, sem querer, se abraça ao amigo e ambos choram copiosamente.

Capítulo 6 A reação de Júlio

Todos no bar ficaram estarelecidos, vendo os dois] ¹¹ amigos chorando como se houvesse acontecido uma tragédia naquele instante.

De repente, Júlio deixa cair os braços, olha demoradamente para Pedro e, num instante de lucidez, grita:

— Saia da minha frente! Quem lhe deu o direito de vir chorar em meus braços? Não quero vê-lo nunca mais. Você desgraçou a vida da minha filha e também a minha. Fuja antes que eu acabe com você!

Com gestos ferozes, Júlio se afasta de Pedro e esse humildemente tenta conversar, dizendo que se arrependera e que há anos procurava Lúcia para redimir sua culpa.

— Como?, gritava Júlio. Já se esqueceu de que é casado e que tem um filho?

— Acalme-se Júlio, dizia Pedro, quando você estiver sóbrio, quero lhe contar tudo o que me aconteceu...

Júlio não queria saber de nada.

Vai até o balcão e se embribeza mais ainda.

Altas horas da madrugada, já inconsciente, Pedro arrasta o amigo até o seu lar. Com passos trôpegos, Júlio consegue chegar até a porta, mas cai e Pedro teve que apertar a campainha, pois não sabia o que fazer.

Augusta, sempre atenta à chegada do marido, estranha ao ouvir a campainha tocar. Sai correndo, com o coração aos pulos, pensando receber más notícias. Abre a porta e no primeiro instante não reconhece Pedro, pois estava escuro. Pedro leva Júlio até o interior da sala e dirigindo-se a Augusta diz:

- Dona Augusta, Júlio está muito mal e tomei a liberdade de trazê-lo pra casa, pois ele não se achava em condições de caminhar sozinho.

Augusta repara no homem que está ao seu lado e, reconhecendo Pedro, recua como se quisesse fugir de um passado que se tornava presente.

- Você aqui? Por quê? Não chegou o que fez com a nossa filha? Não consigo entender o motivo que o traz depois de 9 longos anos, onde minha filha sofreu o abandono e criou o seu filho como se fora seu irmão!

Pedro, cabisbaixo, sem fala, desesperado, pede a Augusta para ouvi-lo pelo amor de Deus.

Augusta senta-se junto a ele, no pequeno sofá da sala, e ouve todo o desenrolar de sua vida, desde o acontecido que trouxera o desacerto em suas vidas.

Augusta se compadece do moço que parecia sofrer, mas pede a ele que ainda não apareça para Lúcia e, quanto à Júlio, se comentasse qualquer coisa referente ao caso, diria a ele que tudo era fantasia de sua mente doentia pelo álcool.

Mais animado e cheio de esperança, Pedro deixa aquela casa com a alegria no coração, com o firme propósito de conseguir novamente o amor de Lúcia.

Desce devagar a rua, olha as estrelas no céu e, confiante em uma vida melhor, rumo para o pequeno hotel onde estava hospedado.

Capítulo 7 A consciência de um inconsciente

O sol já ia alto no horizonte. As pessoas passavam apressadas, pois se achavam atrasadas para o trabalho. O ar, parado pelo calor intenso, trazia um mal-estar constante aos habitantes daquele lugar.

Lúcia já se encontrava de pé e também se atrasara bastante. Não sabia porque permanecera tanto tempo na cama. Era, de hábito, levantar cedo, mas naquele dia se sentia presa de infundável sono.

Nem de longe poderia imaginar que Pedro estivera bem ali na sala, pela madrugada. Sempre que pensava nele perdia o sono. Isso estava acontecendo bem há umas duas semanas, quando a figura de Pedro não saía de seus pensamentos. Seria porque ele também não esquecia dela nem um instante?

Sai de casa esquecendo de se despedir de Augusta, que procurava despertar o marido.

Júlio, por sua vez, ainda entorpecido pela bebida não dava sinal de vida. Três horas depois acorda, chama Augusta e diz:

— Sabe, minha velha, tive um sonho tão real que custo acreditar não ser verdade. Sonhei com Pedro me pedindo perdão e querendo ver Lúcia para se casar com ela. Eu o vi bem aqui na sala e no bar.

Augusta estremece ao ouvir o marido e responde:

- Onde já se viu uma coisa dessas? Você bebe e fica vendo fantasmas. É bom não comentar esse sonho com Lúcia, pois isso a deixará nervosa.

Júlio, satisfeito com as palavras da esposa, esquece o sonho e vai se arrumar.

Enquanto isso, Lúcia, quando chega na loja, encontra com João que sorridente lhe mostra o relógio dando a entender que ela estava atrasada.

Mal cumprimenta o rapaz e caminhando para sua mesa percebe que o Sr. José também notara que ela se atrasara. Chega até ele e pede desculpas. Sorridente, como sempre, ele a desculpa, dizendo que no almoço desejava lhe falar.

João, como sempre observando, treme de raiva, pois de há muito notara o amor do patrão por Lúcia.

Arquiteta mil planos, mas não sabe a qual deles se apegar. Na sua cabeça doentia, pensa em conquistar Otávio e seqüestrá-lo para se vingar da moça que lhe fazia pouco caso. Desesperado, procura se tranquilizar para nova investida. Na sua consciência achava tudo natural, pois desprezado, procurava se desferrar e quem melhor do que o filhinho enjeitado? Tinha vontade de sair correndo e contar ao garoto que sua mãe era Lúcia, mas achava que ainda era cedo para fazer aquilo. Tudo tem sua hora certa, ruminava entre dentes.

José, na hora do almoço, convida Lúcia para irem até a lanchonete, pois desejava lhe falar em particular. Saem juntos e João, olhando os dois à distância, estava disposto a interferir se fosse necessário.

Lúcia, sentada na mesa que o Sr. José reservara, um pouco distante das outras, sentia suas pernas tremerem, pois já pressentia qual seria a conversa que ele gostaria de ter com ela.

Muito solícito, José, depois que pediu o almoço, começa pausadamente a falar:

— Há muito tempo que estou para lhe pedir um favor e sempre vou deixando para outro dia, pois tenho receio de que você possa reprovar o que tenho dentro do coração e não posso guardar mais esse amor. Desde o

instante em que a vi, já me senti preso aos seus encantos. Você me fascinou e não tenho nem mais um minuto de sossego. Preciso que você me ouça, ouça a voz do meu coração, ouça a súplica de um homem apaixonado que não consegue mais viver sem sentir sua respiração, sua voz, seu sorriso, tudo enfim que me deixa, um homem já maduro, com vergonha de expressar o que sinto. Mas resolvi que de hoje não passaria. Era necessário que desabafasse, do contrário teria que me internar, pois a angústia que sinto me torna um homem infeliz e desequilibrado.

Lúcia, de olhos arregalados, escuta sem perder uma sílaba do que José estava lhe dizendo. Cautelosamente, como era de seu costume, diz:

— Sr. José, há muitos anos trabalhamos juntos e tenho muita estima pelo senhor. Agradeço todo o carinho que o senhor me dispensa, mas no momento ainda não estou preparada para me unir a ninguém. Tive na vida uma grande decepção amorosa e meu coração fechou para o amor. Quero muito bem ao senhor, ao meu trabalho, mas por hora não pretendo assumir nenhum compromisso. O senhor me perdoa?

José, com a respiração ofegante, escuta as palavras de Lúcia e sente-se como se fosse morrer naquele instante tão importante da sua vida.

Porque haveria de perdoá-la? Você apenas fez reviver em mim um amor que julgava não possuir. Nunca me interessei por mulher alguma e, agora, ouvindo a sua recusa sei que continuarei solteiro, vivendo apenas para contemplá-la de

longe. Saber que você me quer bem já é um lenitivo para o meu coração amargurado.

Lúcia apenas sorri para aquele homem que a queria fazer feliz, mas ela não acreditava mais na felicidade.

De repente, é como se Pedro estivesse na sua frente lhe implorando perdão. Essa sensação durou apenas alguns segundos, mas ela se sentiu tão mal que José lhe oferece um copo d'água tal a palidez em que se achava.

Após 15 minutos saem dali, cada um levando dentro de si a incerteza do amanhã.

Enquanto isso, João, escondido por trás de uma coluna, ouvira toda a conversa, não se deixando ver por eles.

Fica contente com o final daquele romance de José e sai, todo feliz, pensando em fazer uma visita à casa de Lúcia, para saber notícias de Otávio.

* * *

Otávio, sempre que podia, ia à casa de Leôncio para brincar com Teófilo.

Aquela amizade inocente fazia com que todos continuassem visitando-se e sabendo notícias quase que diárias. Teodora gostava muito de Otávio; não gostava muito do entusiasmo com que Leôncio recebia Lúcia; sentia como se ela estivesse fora e isso a incomodava.

Lúcia e Leôncio, como bons amigos, trocavam confidências e ela o pôs a par de seu romance trágico que culminara com a vinda ao mundo de seu filho Otávio.

Sabedor daquele segredo, que Lúcia até aquela data não contara a ninguém, sentiu que Lúcia depositara nele uma grande confiança e ele se sentiu feliz por isso. Era como se revivesse um passado distante onde conhecera Lúcia, a amara muito, mas não sabia qual fora o término de seu romance frustrado.

Mais uma vez o passado se tornara presente vivo na vida de nossos personagens.

pm o firme propósito de visitar Otávio, para assim conquistá-lo, João, no primeiro sábado disponível, chega em casa de Lúcia e com a maior desfaçatez bate na porta. Augusta, ao deparar com João, fica muito feliz, pois ele já a havia conquistado desde a festa de aniversário.

— As flores são para a senhora enfeitar sua sala, enriquecendo mais o ambiente onde nos traz tanto

reconforto.

Augusta, agradecida pela gentileza, pois ninguém lhe fazia nenhum agrado, convida-o a sentar-se e vai chamar Otávio. Este chega correndo, pois gostava muito desse amigo grande como costumava dizer.

Lúcia havia saído para algumas compras. João aproveita sua ausência para conversar com Otávio, brincar com ele e lhe levar um belo presente: um par de patins. O menino delirava de alegria! Sempre quisera ter patins, mas Lúcia e os pais, com cuidados ainda, não queriam satisfazer o seu desejo.

— Gostou do presente?

Gostei, dizia o menino passando as mãos sobre ele.

Conversa vai, conversa vem, João pergunta se Otávio gostaria de sair com ele para um passeio. O menino diz que sim, mas que ficaria bem mais contente se Teófilo fosse também.

Fica então combinado que no primeiro feriado, que seria logo no começo do mês, iriam para um sítio de um amigo de João. Lá passariam uns dois dias, onde iriam aproveitar as belezas da natureza. Combinavam, quando Lúcia, chegando, não gostou nada da presença do colega de trabalho.

Mal o cumprimenta e fica bem zangada com o passeio que eles estavam planejando.

João se despede logo, prometendo voltar para deixarem tudo bem conversado sobre o passeio.

Como um malfeitor depois do crime, assim saiu João daquela casa que, até aquela data, se mantinha em harmonia.

Ainda contrariada com o desenrolar da conversa de José com ela, um pouco deprimida, fica mais ainda quando vê o entusiasmo do filho pelo homem que ela detesta.

Meu Deus, o que mais irá me acontecer? Já me sinto uma velha, cheia de preocupações. Por que não posso ser como as outras moças, cheia de alegrias, despreocupações, rindo por qualquer coisa, enquanto eu, desde mocinha, tenho que sofrer dessa maneira, por quê, meu Deus?

Bem no fundo de seu ser, escuta uma voz que lhe diz: “Coragem Lúcia, muitas provas estão para vir, caminhe e espere, confie em Deus que você será vencedora*”.

Lúcia se deixa envolver por fluidos benéficos que lhe dão um pouco mais de ânimo e vontade de enfrentar o desconhecido. Pondera sobre tudo o que estava ocorrendo e pede a Deus para guardar seu filho de qualquer infortúnio.

Otávio, meio receoso, procurava esconder da mãe o par de patins com medo de que Lúcia lhe tirasse tão belo presente. Ao contrário do que ele imaginava, Lúcia observa o menino, encantado com o presente e tem um pressentimento passageiro que ela afasta para pensar em coisas mais positivas.

Abraça Otávio como se algo lhe fosse acontecer.

— Vamos guardar os patins e na semana que vem vou levá-lo a uma academia para que você possa aprender a andar com segurança.

Otávio, feliz, nem sabe o que dizer. Guarda os patins e vai brincar no quintal. De vez em quando vai devagarinho até o lugar onde guardara os patins e fica observando com vontade de pô-lo nos pés. Fica só na vontade, pois Lúcia, pressentindo o menino passar por ali, manda-o brincar.

* * *

Os dias vão passando e Pedro continuava a acompanhar Lúcia, de longe, no trajeto de sua casa até a loja. Não tivera outras conversas com João no banco da praça, mas naquele dia ficara impressionado com tudo o que ele lhe contara. João estava mesmo apaixonado por Lúcia e não media esforços em prejudicá-la e, para isso, iria usar Otávio como seu aliado.

Disse que iria visitar Leôncio e Teodora para ficar mais a par da intimidade das crianças. Naquela tarde

mesmo iria fazer essa visita.

Prometendo o que dissera, bate na porta da casa de Teodora. Seriam 14 horas. Estava só, pois o marido estava trabalhando e o filho, na escola. Teodora se surpreende com visita tão inoportuna.

— O senhor? O que deseja?

João, como sempre, não se deixa abater e muito alegremente diz que gostaria de ter uma conversa com ela.

Teodora, muito a contragosto, manda o moço se assentar e também faz a mesma coisa, surpresa por ter uma visita tão inesperada e sem sentido.

João começa a elogiar o seu bom gosto na arrumação da sala, as plantas que traziam ao ambiente um frescor diferente, o menino Teófilo que tanto o sensibilizara pela amizade que tinha a Otávio.

Sabia de seu dom de magnetizar as pessoas com sua fala macia e carinhosa e olhando Teodora sentia que ela estava embarcando no seu barco de mentiras.

Assim ficou, tomou um belo lance e, quando Teodora deu por si, já Leôncio trazia pela mão o filho que fora buscar na escola depois do trabalho.

Vendo João tão à vontade com sua esposa, em franca conversa, sentiu uma revolta interior. Sentiu que algo de anormal estava acontecendo por parte de João, que queria infiltrar-se em seu lar.

Leôncio fica estarecido vendo João em sua casa e Teodora toda encantada com sua conversa. Desde o início não simpatizara com aquele amigo muito atrevido para seu gosto de homem zeloso pelo seu lar. Somente Teodora achava tudo natural. A amizade de João era bem-vinda; ele era alegre, muito brincalhão e isso a fazia sorrir, o que deixava Leôncio muito triste, pois sabia bem que tipo de homem era aquele.

Mesmo sabendo que o dono da casa não o tolerava, João ficou bem mais uma hora esperando ser convidado para o jantar.

Logo que João sai, Leôncio repreende Teodora, pois não gostara nada do modo como João se dirigia a ela. Na sua conversa com João, esse insinuara que Lúcia e Leôncio tinham um caso, deixando Teodora desconfiada do marido com a amiga que ele apenas prezava muito. Começa assim uma pequena desavença e nessa noite o jantar decorre em silêncio, ouvindo-se apenas as reclamações do filho que queria a atenção dos pais.

Desconfiada do procedimento de Leôncio, Teodora vai dormir com o coração amargurado no propósito de observar os dois para tirar suas conclusões.

Leôncio também se sente mal, pois se compara àquele que ele julga ser seu rival, já que se sente inferiorizado devido à sua paralisia na perna.

No meio da noite, pensando como tudo se modifica na vida, grossas lágrimas lhe caem pelo rosto sofrido e somente pela madrugada consegue dormir um pouco. Teodora também se sente magoada e, pensando na infidelidade do marido, se sente a pior das mulheres.

Somente Teófilo, o anjo inocente, dorme profundamente sem saber dos tormentos dos pais queridos.

Logo pela manhã, Leôncio estranha ver Teodora ainda na cama e não na cozinha, fazendo aquele cafezinho cheiroso de que ele tanto gostava. E que, sentida, quisera castigar o inocente marido que ela estava julgando um traidor.

Leôncio calmamente faz a mesa e o café e, em seguida, se dirige ao quarto para se despedir da esposa que, vendo-o chegar, cobre a cabeça como se estivesse num belo sono.

Leôncio sai devagar, pisando de leve, para não acordá-la, mas no fundo de seu coração sabia que a luta começara e que ele iria enfrentar um perigoso inimigo.

Capítulo 9 A casa da colina

ra bem branca, salientando, nas suas paredes late-rais, pequenos galhos verdes de uma trepadeira que há anos teimava em atingir o teto. De longe, podia-se ver, como se flutuassem, aquelas folhinhas verdes que davam, a todos que as vissem, ar de donas do pequeno pedaço que habitavam.

Naquele morro, não tão alto como parecia de longe, esta- l va a casa do amigo de João, onde ele pretendia levar as crian- 1 ças para um passeio de dois dias.

Já estava preparada para essa recepção. João mesmo já l estivera ali para se certificar de que tudo estaria em ordem para impressionar bem os garotos. O caminho para aquela colina era um pouco perigoso. Daniel, o dono da casa, sem- · pre recomendava aos amigos que tivessem muito cuidado pois, J algumas vezes, pedras deslizavam, ocasionando muitos trans- J tornos.

O lugar era aprazível, longe do bulício da cidade. A temperatura era amena e todos que lá iam, voltavam encantados com o passeio.

Na casa, havia um caseiro e sua esposa que se dedicavam com esmero cuidando da higiene e todos os demais cuidados necessários, pois o Sr. Daniel, embora viúvo, sem filhos, gostava de ter a mesma bem arrumada como no tempo de sua esposa.

Tudo preparado, eis que num belo feriado chega João com seus convidados.

A caminhada fora longa, pois o ônibus os deixara na estrada e tiveram de andar bastante até a casa. Empoeirados e famintos, custaram a subir o morro. Otávio quando chegou lá em cima teve uma idéia: “Que bom seria deslizar por aquela estradinha com meus patins!”. “Seria muito bom”, pensa ele. Não diz nada e entram na casa.

Esmeralda, a caseira, recebe as crianças com carinho, preocupada em deixá-las bem à vontade. Quanto a João, já o conhecia há muito tempo.

Depois de um banho gostoso, de um lanche reforçado, vão se acomodar em pequenos bancos que estavam dispostos na porta da casa.

Um pouco cansados, não conversavam e cada um sente invadir em seu corpo um torpor que os deixavam sonolentos, com vontade de deitar em uma cama.

João também estava cansado, embora arquitetasse planos onde Teodora e Lúcia eram as principais vítimas. Com grande esforço caminharam para seus quartos e sem sentirem, deitam e dormem para se levantarem só no outro dia quando ouviram o galo cantar.

Pedro, em conversas dias atrás, com João, no banco da praça, onde se tornara hábito se encontrarem, ficara sabendo do passeio com os meninos e também desconfiava que algo de anormal se passava na cabeça de João, que falava dando pequenas risadas como se estivesse se divertindo com tudo que estava planejando.

Com cuidado pelos meninos, principalmente com o filho, Pedro, desde cedo se pôs de tocaia para acompanhar o pequeno grupo.

Com seu carrinho velho, mas ainda se movendo bem, vai devagar seguindo o ônibus. Quando pararam e João desceu com os meninos, Pedro procurou não ser visto e sabia que a estrada era reta até a casa, pois na véspera já havia vasculhado todo o local e arrumara um pequeno casebre desabitado onde pretendia pernoitar.

Logo pela manhã ficou a espreita, preocupado com o andamento da casa pois já eram 7 horas e não via ali sinal de vida.

É que Esmeralda caprichara nos quitutes para o café e ainda estavam à mesa, saboreando as delícias da boa cozinheira.

Terminado o pequeno almoço saem, para fora, respirando o ar puro do campo.

— Vamos agora dar um passeio pelos arredores para vocês conhecerem melhor como é saudável a vida ao ar livre, diz João.

Teófilo já simpatizava mais com ele, pois estava deveras gostando do passeio. Quanto a Otávio, tudo que João dizia ele absorvia com prazer.

Andaram bastante, treparam em árvores, chuparam frutas, pisaram no capim fofo, e ainda molhado pelo orvalho, e se sentiam como passarinhos saídos da gaiola.

João havia levado um pequeno lanche e água. Depois de duas horas, sentaram embaixo de uma velha árvore onde os

galhos batiam até no chão e, refrescados com aquela sombra, comeram e tiraram até um cochilo.

Já estava quase na hora do almoço quando retornaram à casa. Esmeralda, com a mesa posta, já os esperava. Por conta das crianças já iam direto para a mesa, mas João achou que deveriam se lavar primeiro, o que foi acompanhado pelos dois amigos.

Tudo corria bem. De repente, Otávio vai até o quarto, retira os patins da mochila e os coloca nos pés. Desliza pelo quarto, pela sala e vai até a porta. Olhou por todos os lados, não vendo ninguém, chega até a estradinha que conduz à colina e começa a deslizar, primeiro devagar, depois os patins em louca corrida projeta aquela criança indefesa até o final da estrada, indo se estatelar no chão duro, deixando-a inerte, como morta.

Com o grito alucinante de Otávio pedindo socorro, João, Teófilo e Esmeralda saem correndo, mas chegando lá embaixo encontram o menino nos braços de Pedro que, meio paralisado pelo susto, acredita que seu filho esteja morto.

João não compreende como Pedro podia estar ali... Era muita coincidência... Olha para o suposto amigo que também, não sabendo das tramas do destino, se deixara envolver na sórdida aventura que não queria que terminasse em tragédia.

Com o filho desacordado nos braços, Pedro não sabe o que fazer. João, mais esperto para momentos como aquele, corre a buscar água, álcool e alguma outra coisa para reanimar o menino.

Esmeralda corre com a garrafinha de amoníaco, pois sempre usa o mesmo quando acontece alguma queda de pessoas que visitam o sítio.

Nada fazia despertar o pequeno, que parecia morto de tão branco que estava.

Pedro deixa o menino no chão e corre para pegar o carro. Era necessário levá-lo urgentemente a um médico, pois não se sabia a extensão do tombo que afetava aquela cabecinha. Um fiozinho de sangue descia pela boca e todos abobalhados ficaram parados.

Somente Teófilo, perto do amigo, chorava baixinho, sem l compreender ao certo a imprudência de Otávio.

João, naquele momento, vendo Otávio como morto, sente um remorso muito grande e ao mesmo tempo uma ternura profunda pela criança que estava sob seus cuidados. De seus olhos caem lágrimas sinceras pois gostava muito de Otávio. Eram reminiscências de um passado onde Otávio fora seu filho. Era preciso fazer alguma coisa. Não podiam deixar morrer a criança sem cuidados médicos.

Vão para o carro. Pedro, de tão nervoso, não consegue dirigir dando o carro para João conduzir. Não trocam nenhuma palavra. A respiração de Otávio é regular. O sangue que saía da boca estancara. O carro corre velozmente. A distância não era grande, mas para eles representava uma eternidade. Pedro meditava: “Meu Deus, salve meu filho. Ainda não pude abraçá-lo, reconhecê-lo, lhe dizer que sou seu pai!”. Olhava a criança deitada em seus braços, sentia o palpitar de seu coraçãozinho, pegava em suas mãos frias e sentia um vazio dentro de si como se fora morrer e não mais retornar a esse mundo cheio de torpezas.

— “Fui um canalha, bem sei, mas quero saldar minhas dívidas com Deus, com Lúcia e com meu filho!” E sua consciência lhe diz: “E Júlio, você não vai saldar dívidas com ele?”⁵. Queda pensativo. Nesses momentos de angústia e aflição só *pensa* em salvar o filho. Quanto a Júlio, depois iria conversar com ele e acertar sua dívida de ingratidão que tivera com o leal e bondoso amigo.

Chegaram finalmente no pequeno hospital que ficava bem na entrada da cidade. João corre para pegar a maca e trazer o médico para examinar ali mesmo a criança que ainda continuava desacordada.

Teófilo, meio zozzo da viagem muito corrida, ficara em um canto do carro e achou melhor esperar ali mesmo.

Conduzido a uma sala, onde fora imediatamente acudido por dois excelentes médicos, feitas radiografias, passaram-no para um leito onde recebia todos os cuidados necessários. As radiografias não eram alentadoras. No braço esquerdo, bem perto do cotovelo, havia uma fratura exposta e na cabeça... Meu Deus, dizia Dr. Horácio, creio que houve fratura no crânio.

- Vamos deixá-lo em repouso. Ainda não começou a vomitar, indício de fratura no crânio. Se ficar em repouso poderemos salvá-lo, mas é preciso chamar os pais, não podemos fazer nada sem a ordem deles.

— Sou eu o pai, diz Pedro. Doutor, salve meu filho, pelo amor de Deus! ...

João, com os olhos arregalados de surpresa por ouvir a confissão de Pedro, compreende o motivo dele estar ali socorrendo a criança.

Pedro não pudera dizer nada naquele instante. Ali estava seu filho e era preciso que ele retornasse à vida.

João ainda não compreende o motivo de Pedro dizer que era o pai de Otávio, fica aturdido, sem saber bem o que dizer.

Era preciso avisar Lúcia e ele se prontifica a ir até sua residência para inteirá-la do ocorrido. Não sabia ao certo qual

seria a atitude de Lúcia ao saber que entregara seu filho a um inconseqüente. Chega logo ao seu destino.

Batendo na porta, Lúcia corre a abri-la pensando que o filho estivesse chegando e, ao deparar com João sem as crianças, seu coração dói fundo pressentindo uma tragédia.

João tenta acalmá-la e conta com detalhes como ocorrera o acidente. Não fala nada sobre Pedro, pois uma força estranha não o deixara falar sobre ele.

Lúcia pega a bolsa com seus documentos e com a aflição de uma mãe agoniada acompanha João. Seus pais não estavam. Augusta fora entregar algumas costuras e Júlio não se sabe onde se encontrava.

Chegando ao hospital, Otávio já se encontrava na sala de cirurgia. Era necessário operar logo, pois constataram, por uma radiografia, que havia um coágulo no cérebro. Era um caso delicado. O cirurgião era bom, mas todos oravam para que houvesse sucesso na operação.

João procura Pedro, mas não o encontra em parte alguma. Como havia prometido a Augusta, não podia ainda se apresentar a Lúcia, ela ainda não estava preparada para esse encontro. O momento não era propício, deveria aguardar uma outra oportunidade pois a emoção daquele momento seria prejudicial a todos eles.

Lúcia aguarda com o desespero da incerteza. Em sua mente recorda o filho tão seu amigo, tão contente com os patins, que chega a não condenar João pelo presente que trouxera aquele desastre.

João, cabisbaixo, se tortura por não ter cuidado do menino e não tê-lo avisado do perigo que constituía a colina. Sorrateiramente procura Pedro em todos os lugares, mas não o encontra.

É que, furtivamente, se instalara em um canto onde ninguém poderia vê-lo e ele assim poderia ver Lúcia e tudo que se passava naquela pequena sala onde os corações de cada um pulsavam de maneira diferente.

Capítulo 10 No hospital

Lúcia se deixa abater por tão inesperada notícia. Sentada, de olhos fechados, lembra como conhecera Pedro, o seu amor desvairado por aquele moço tão sedutor, tão cheio de vida que a fazia imaginar uma princesa que achara seu príncipe “encantado”.

Depois, o desespero, a perda daquele amor impossível, as dores que sofrera, o filho que ela não pudera apresentar como seu. A bondade da mãe, a bebedeira do pai que se julgava culpado pela desgraça da filha, e ela, ali, sem saber o que poderia acontecer com o filho, que pensa ser seu irmão.

Pedia a Deus para que ele pudesse viver, saber que ela era sua mãe verdadeira, contar a ele tudo o que lhe acontecera, sem omitir coisa alguma.

Nem de longe podia imaginar que seu primeiro amor estava ali perto, olhando-a, observando seus mínimos movimentos, com uma vontade louca de aparecer, mostrar a ela seu grande amor e que ele tivera o filho nos braços, mas não lhe pudera dizer que era seu pai.

Como sentisse a irradiação de Pedro, Lúcia levanta a cabeça, olha para todos os lados como se procurasse alguém. Pedro se esconde, com medo de ser visto.

Enquanto isso, na sala de cirurgia, dois hábeis médicos têm nas mãos a vida do pequeno Otávio.

Lúcia, sentada em um canto da sala, desperta de suas recordações. Sente-se como se já fosse uma velha, pois suas energias naquele instante se evaporaram.

Pouco depois um dos médicos operadores aparece na porta e traz estampada no rosto uma grande esperança. A operação fora um sucesso. Era só aguardar 48 horas para se concretizar o êxito.

A família fica feliz. Júlio também corraera até o hospital. Com ansiedade, procura Augusta para saber ao certo o que estava acontecendo. Meio zozzo ainda, pois havia bebido, custa a ficar de pé. No trajeto até o hospital vinha pensando: “Meu Deus, se Otávio se salvar, nunca mais beberei”.

Ouvindo a conversa do médico de que tudo corraera bem, chega até a se arrepender de ter feito aquela promessa.

Não podiam ver Otávio, que iria ficar até o dia seguinte na UTI, para observação; e o médico recomendou que podiam descansar em casa, sem muitas preocupações, pois ele estaria atento e avisaria se houvesse alguma novidade.

Como sonâmbulos, saem da sala. João, com delicadeza se apressa a levá-los para casa. Como estavam desorientados, caminharam sem dizer uma só palavra.

* * *

Pedro sai de seu esconderijo e se dirige ao médico que ainda permanecia na sala.

1 H Doutor, posso lhe falar? Gostaria de saber ao certo como se encontra Otávio.

O médico olha para aquele moço de cabelos levemente grisalhos e diz:

— O que o menino representa para o senhor?

— E meu filho, doutor, embora ele não saiba que eu existo. Também eu, só há pouco tempo fiquei sabendo da sua existência. Gostaria de lhe contar um pequeno trecho de minha vida, mas sei que o senhor não tem tempo.

Gustavo, o médico, olha para Pedro e sente que aquele moço estava vivendo alguma coisa de seu passado, algo de trágico e se apiedou dele.

— Qual o seu nome?

— Pedro.

- Sentemo-nos aqui que quero ouvir a história da sua vida.

Pedro, sentado junto ao doutor Gustavo, começa a contar como conheceu Lúcia e como a fizera sofrer quando soubera que ela esperava um filho seu.

— Agora, doutor, que conheci meu filho, sinto uma ternura tão grande por ele e por nada no mundo queria

perdê-lo.

O médico estava acostumado a ouvir dos clientes toda sorte de aventuras em que eles se envolviam, mas teve pena de Pedro, que ainda não podia se apresentar à mulher amada.

Um enfermeiro apressado chama por Dr. Gustavo, dizendo que o menino apresentava febre e estava muito agitado.

O médico sai e promete voltar logo com notícias.

Pedro se deixa ficar na cadeira, sem ânimo, pedindo a Deus pela saúde do filho. Permaneceu ali sem arredar pé até as 2 horas da manhã.

Quando Dr. Gustavo chega na sala, abatido, diz a Pedro:

— Não sabemos como vai ser. O menino não reage e a febre está cada vez mais alta.

— Doutor, por favor, me deixe ficar ao lado dele, ficarei quieto, quero acompanhar todos os seus movimentos.

— Está bem, mas não quero nem ouvir a sua respiração. o caso é grave e temos que ter todos os cuidados.

Seguem até onde estava Otávio. Pedro se aproxima do filho que estava vermelho de tanta febre. Suas mãozinhas apertavam o lençol como para sentir que ali estava seguro.

Pedro cumpriu a sua palavra. Fica horas a fio perto do filho sem dar demonstração de sua presença. Os médicos e enfermeiros trabalham sem cessar. Fazem tudo para salvar aquela inocente criança.

Ao amanhecer, a febre cedera dando um grande alívio a todos. Otávio dorme serenamente depois de longo sofrimento. Pedro olha agradecido para o Dr. Gustavo. Todos se retiram ficando apenas Pedro com o filho. Mais tranqüilo, agradece a Deus pela melhora de Otávio. Este, depois de duas horas de sono reparador, abre os olhos e depara com um estranho a observá-lo. Julga ser um médico à sua cabeceira, mas nota que ele não está de roupa branca.

Pedro percebe o despertar do menino e com carinho passa as mãos em sua cabeça, enquanto grossas lágrimas deslizam pelo seu rosto. Otávio não entende e quer falar, mas não consegue ainda, pois se acha muito fraco. Entra um enfermeiro e convida Pedro a sair. Otávio fecha novamente os olhos e sonha comovido com uma linda história de amor onde ele é um dos protagonistas.

Mais uma vez o passado se faz presente, mexendo na vida de cada um.

Pedro retorna ao hotel para um pequeno descanso.

Nesse meio tempo, Lúcia e Augusta chegam ao hospital e recebem a notícia de que Otávio tivera uma boa melhora. Entram no quarto. Ainda sonolento, Otávio diz: — “Sabe Lúcia, quando acordei havia um moço junto à minha cama que chorava baixinho pedindo a Deus por mim. Deve ser algum anjo do Senhor que veio me ajudar. Se tivesse que escolher um bom amigo, tenho certeza de que iria escolhê-lo”. Lúcia pensa que ele ainda está sonhando.

— Sim, meu querido, agora fique quietinho pois o médico não quer que você se agite muito. Queremos vê-lo bem para irmos logo para casa.

O menino, de mãos ligadas às de Lúcia, fecha os olhos e faz força para dormir.

◆ **

O hospital estava em silêncio. Lúcia e Augusta também se recostam pois mal dormiram à noite. Seriam 10 horas quando a porta do quarto se abre e João entra sorrateiramente. Otávio havia sido levado para o quarto e os familiares estavam felizes com a recuperação do menino.

João já havia cruzado com Pedro várias vezes e mal se cumprimentaram.

Aquilo, que Pedro era pai de Otávio, era coisa que ele não conseguia entender. Iria forçar Lúcia para que ela pudesse lhe contar toda a verdade.

Os dias se sucedem e Otávio se recupera rapidamente. Todos da família sentem o progresso do menino e ficam felizes.

Pedro passa as noites no quarto com o filho e este, quando o vê, sorri, pois julga que ele seja um Anjo enviado por Deus.

Naquele dia, pela manhã, quando Otávio desperta, depara novamente com Pedro que o olha fixamente.

— Moço, quem é você que me cuida com tanto carinho?

Foi Deus que o mandou para que eu sarasse?

— Otávio, meu filho, estou feliz por vê-lo melhor. Qualquer dia vou lhe contar a história da minha vida, mas quero lhe pedir desde já que, gostando ou não, procure ser compreensivo e me escute até o fim. Tenho certeza de que ainda seremos bons amigos.

i— Qual é seu nome?

— Ainda não posso lhe dizer. Quero apenas que tenha confiança em mim, pois não irei desapontá-lo. Não quero que você conte a ninguém nossa conversa. Vamos fazer um trato: você vai ficar esperando; quando for a hora certa lhe contarei toda a verdade. Lembre sempre que o amo muito e não quero perdê-lo, como perdi o meu primeiro filho.

Embalado naquelas palavras tão doces e amigas, Otávio recosta-se e dorme placidamente como se houvera tirado um grande peso de seu coração.

Pedro, comovido, deixa o quarto pois já estava na hora de Lúcia vir ver o filho.

Lúcia encontra Otávio muito bem. Este não fala nada de sua conversa com Pedro, mas tem nos olhos um brilho diferente.

O médico entra e dá a boa notícia.

— Bem, meu valente garoto, amanhã poderá retornar ao seu lar, mas precisa ter muito cuidado para ficar logo bem.

Lúcia, feliz, apenas pode dizer:

— Obrigada, doutor, muito obrigada pelo carinho que o senhor teve com o meu... irmão.

Gustavo sorri e teve pena daquela moça tão bonita, tão elegante e tão distinta que não podia dizer que aquele menino era seu filho.

Capítulo 11 Teodora às voltas com João

A esposa de Leôncio passara vários dias sem ver Otávio e se sentia na obrigação de visitá-lo.

Há dias ele já se achava em casa, em convalescença, e Teófilo queria muito ver o amigo.

Já prontos para a visita escutam bater na porta. Teófilo corre para abri-la e depara com João que o abraça com grande estardalhaço.

Teodora não gostava muito da amizade do filho com João, pois alguma coisa nele a deixava inquieta. Teófilo logo vai dizendo:

— Sabe, João, vamos visitar Otávio. Você não quer vir conosco?

— Que bom! Eu também preciso ver como ele se encontra.

Saem os três, mesmo Teodora não gostando, e caminham pelas ruas. João procura conversar com ela e dá a

perceber que Leôncio já conhecia Lúcia e que esta não era aquilo que todos julgavam.

— João, vamos deixar essa conversa para outra hora, pois agora o que desejo mesmo é fazer essa visita e voltar logo, já que tenho muitos afazeres.

Quietos, chegam à casa de Lúcia onde são bem recebidos. João tenta insinuar-se para o lado de Teodora, dizendo que ela era muito amável e que gostaria mesmo de lhe falar o quanto mais depressa possível.

Lúcia estranha João estar com Teodora, mas logo vê que ele quer mesmo é prejudicá-la.

Otávio estava na cama e rodeado pelos amigos se sentia feliz.

— Sabe, diz ele, tenho um amigo que me acompanhou durante minha estada no hospital e vocês precisam ver como ele é. Dizia ser meu amigo, que me amava como se eu fosse filho dele.

— Você está imaginando coisas, arremata Lúcia. Sua febre estava alta, por isso a sua imaginação teceu tudo isso. Vamos esquecer o que passou e lembrarmos apenas que aqui estamos todos felizes por você estar bem.

— Lúcia, diz João, todos lá na loja sentem sua falta, principalmente o Sr. José. Quer que lhe dê algum recado?

— Não João, obrigada, logo que puder retornarei ao trabalho.

Naquele instante, Dona Augusta chega com café e bolinhos de chuva feitos na hora e todos saboreiam com muito gosto.

João consegue falar a sós com Otávio e pergunta:

— O amigo que você viu no hospital tinha os olhos azuis, cabelos castanhos, de pele clara, magro e sempre com os olhos tristes?

— Esse mesmo, você o viu?

— É... mais ou menos; qualquer dia vamos vê-lo juntos e você vai conhecer o seu nome e o que ele representa para você.

Passam-se os dias e João começa a fazer visitas a Teodora e esta se sente lisonjeada com as amabilidades do rapaz.

O intuito de João é mostrar à Teodora que Lúcia e Leôncio mantêm um romance. Chega até a esquecer Pedro, mas, querendo intimidar Lúcia, faz de tudo para incriminá-la.

Teodora, embora não goste de João, o aceita como amigo da família, já que seu filho o aprecia tanto.

Leôncio não vê com bons olhos essa amizade, pois não confia em João. Aos poucos ele foi se tornando muito íntimo da casa e Teodora o convidava para qualquer passeio. Começa a notar que o marido estava um pouco distante e pensa que tudo isso é porque ele está tendo um romance com Lúcia, pois João lhe afirmara que era verdade.

Certa tarde, Leôncio espera Lúcia sair da loja para conversarem e conta o que João está fazendo, pois sua mulher já lhe atirara no rosto que Lúcia era sua amada.

Revoltado e não querendo que ela fosse maltratada pela mulher, resolvera lhe contar tudo o que estava acontecendo no seu lar.

Mas o plano de João era fazer com que Pedro também soubesse desse romance. Idealizara tudo muito bem e já estava pondo em prática com tudo dando certo como imaginara.

Esperara Pedro no banco da praça, mas até aquela data ele não aparecera. Não tinha pressa, uma hora eles se encontrariam. Feliz da vida, fazia seu trabalho na loja e arquitetava também fazer alguma coisa para que o Sr. José ficasse sabendo como era a sua Lúcia.

Somente Lúcia não sabia de nada. Sua reputação estava abaixo de zero e ela continuava na sua vidinha pacata sem ao menos imaginar que uma alma perversa tramava teias venenosas em seu destino.

Lúcia ficou impressionada com o que Leôncio lhe contara. Sabia que João tinha um coração onde destilava a hipocrisia, mas nunca julgara que ele chegasse a ponto de difamá-la.

Chorou por alguns minutos, nos quais Leôncio a cercara de carinho como se fora de há muito uma pessoa muito querida. Tinha vontade de abraçá-la, dizer-lhe palavras doces, mas se sentia-se acanhado em demonstrar o seu afeto. Em sua imaginação revia como se tudo aquilo estivesse se repetindo. Na realidade, coisas assim já haviam acontecido em vidas passadas e deixara entre eles uma grande saudade que eles não conseguiam decifrar. Passaram, assim, mais de uma hora numa conversa franca que trouxera para os seus corações aflitos um pouco de paz.

— Leôncio, você não pode acreditar em tudo que João conta ou que você venha a saber, pois tenho certeza de que alguma coisa ruim ele está planejando contra Teodora. Dele podemos esperar de tudo!

PPP Lúcia, confio em você, que vai me ajudar a desfazer esse mal-entendido, pois Teodora não pode acreditar em tamanha mentira.

Conversam mais algum tempo e se despedem prometendo ajuda mútua.

Nesse ínterim, João, ficando mais tempo na loja, procura conversar com José sobre Lúcia e dizendo se interessar pela moça, mas que tivera uma grande decepção depois que soubera de seu caso com Pedro, de quem tivera um filho.

José fica estarrecido! Não podia ser, ele nunca se enganava e tivera de Lúcia a melhor impressão.

Fica triste com aquela notícia e procura sair de perto de João para pensar com mais clareza. “Por isso que Lúcia nunca quisera saber de casar-se e nunca lhe dera esperanças...” Em seu coração cheio de amor sente uma grande dor como se algo houvera despedaçado.

Fica quieto, perdido em seus pensamentos. Logo que fosse possível iria conversar com Lúcia para saber se tudo aquilo era verdade. Não confiava em João e já havia notado que ele gostava de Lúcia, mas não era correspondido.

Capítulo 12 O sequestro

Várias vezes, Otávio falara sobre o moço misterioso que ficara no quarto do hospital durante sua permanência lá. Também indagara se Lúcia havia visto aquele anjo que velara à noite junto à sua cama. Lúcia se aborrece quando o menino se referia a essa pessoa ou anjo que ela achava ser de sua imaginação.

Dois meses se passaram e Otávio lembra com saudade de Pedro, sem saber que ele era seu verdadeiro pai. Por sua vez, Pedro também havia gostado muito do filho, mas como não podia se identificar, não aparecia para não ser reconhecido.

Algumas vezes teve vontade de procurar João, mas achou prudente ficar afastado, esperando melhor oportunidade.

Ficara hospedado no hotel, mas precisava trabalhar para ocupar seu tempo. Havia guardado algumas economias e elas já estavam diminuindo. Como bom vendedor se apresentou em uma firma importante e ficou de iniciar o trabalho por aqueles dias. Assim, trabalhando em Petrópolis, poderia acompanhar mais de perto o que acontecesse com aquelas pessoas que faziam parte de sua vida.

Muitas vezes, observara Júlio e se sentia culpado com a decadência do amigo. Queria muito falar com Leôncio, pois sentia um ciúme muito grande desde que vira Lúcia de mãos dadas com ele. Não sabia o que fazer e resolvera deixar os acontecimentos nas mãos do destino.

João, cansado de tantas maldades, pois no fundo sabia que estava prejudicando pessoas inocentes, mas... continuava. Otávio estava sempre com ele e o admirava, achando que ele era seu verdadeiro amigo. João queria aproveitar-se dessa inocente amizade para se vingar de Lúcia.

Certo sábado, João vai buscar Otávio para um passeio pela praça.

Dona Augusta não queria que o menino fosse, pois desde o presente fatídico, os patins, que quase matara Otávio, não gostava que ele saísse com João, principalmente quando Lúcia não estava em casa.

Saíram contentes e no caminho João promete a Otávio que iriam buscar Teófilo para que eles pudessem brincar.

Chegando em casa de Teodora, essa o recebe de braços abertos e deixa o filho ir, também, fazer um passeio, como dizia João.

Caminharam por várias ruas e os meninos estranharam, pois João havia dito que seria apenas um passeio na praça para brincarem.

Chegam a uma rua estreita e param perto de uma pequena casa com um belo jardim na frente. Parecia acolhedora e João diz que viera até lá à procura de um amigo que havia trazido alguns presentes, que ele encomendara, do Rio de Janeiro.

Lúcia chegando em casa vai logo procurar Otávio.

— Mamãe, onde se escondeu Otávio que não o vejo em parte alguma?

— É que, minha filha, ele saiu com João para dar umas voltas e como já se faz tarde, estou um pouco preocupada.

~ Já lhe disse para não deixar o menino sair com esse homem que não é confiável.

— Lúcia, você não precisa se preocupar, ele me garantiu que iriam só até a praça.

Tanto mãe como filha ficam aguardando, mas o tempo estava passando e eles não voltavam. Desesperada, Lúcia resolve ir até a casa de Leôncio com esperanças de que eles estivessem lá.

Chegando perto da casa, já divisa o casal na calçada. Estranha, pois já era noite e aproximando-se pergunta se Otávio estava lá.

— Não Lúcia, diz Leôncio, esperávamos que ele estivesse em sua casa.

— Meu Deus, o que terá acontecido com eles?

Teodora se desespera. Deixara Teófilo sair com João e

Otávio, mas não supusera que iriam demorar tanto. Não sabendo o que fazer entram na casa para trocarem idéias.

Teodora sente ciúme de Lúcia, pois esta, mesmo desesperada, mostrava-se muito bonita e Leôncio procurava conversar, dando a ela um pouco de confiança e carinho, mostrando que eles também estavam preocupados com o filho que ainda era bem pequeno e que sentia a falta da mãe.

Enquanto isso, João lá na casa da rua estreita havia feito uma bela mesa de doces, que ele já havia comprado e levado para lá e os meninos comiam, alegres, sem pensarem em coisa alguma.

João brincava com eles e havia levado também um presente para cada um, para se distraírem. Convida os meninos para irem descansar no quarto, enquanto ele ia ver se o amigo estava chegando.

Os meninos entram no quarto e se recostam na cama, como se sentem cansados, logo adormecem.

Os familiares dos meninos não sabiam a quem recorrer. Nada sabiam da vida de João e muito menos onde ele morava. A agitação era tamanha na porta de Leôncio que os transeuntes paravam para saber notícias, pois, na maioria, eram vizinhos que chegavam de seus lares.

Todos permaneciam com o coração aos saltos esperando alguma notícia desagradável.

— Não podemos continuar assim, Lúcia. Vamos à delegacia. Assim ficaremos mais tranqüilos, tendo mais gente procurando os meninos.

— Você acha que seria viável tal atitude? Não seria leviandade de nossa parte?

Não acho. opina Teodora. Temos que pôr a polícia atrás deles, não sabemos o que aconteceu!

— Vamos nos acalmar, pondera Augusta; temos que ter calma e não nos precipitarmos. Um pouco mais tranqüilos, resolvem esperar.

Enquanto todos se desesperam, as crianças dormem. Já altas horas despertam, ao mesmo tempo, como se soubessem que não estavam em casa, sob a guarda dos pais. Teófilo, pequeno ainda, se aconchega mais para perto de Otávio que, assustado, abraça o amigo sem dizer palavra.

— Otávio, será que João se esqueceu de que temos que voltar para casa?

— Ele virá sim, logo voltaremos. João é nosso amigo e não vai nos abandonar aqui sozinhos.

Pedro, já havia alguns dias, observava João e se pôs a acompanhá-lo à distância. Seguiu os passos dos três e esperou João sair e com uma chave falsa entrou na casa e ficou de guarda. Vendo que os meninos estavam prestes a desatar em prantos, resolveu aparecer.

— Então, meus amigos, estão gostando do passeio?

— Meu Deus, é o meu Anjo da Guarda que ficou comigo no hospital!, grita Otávio. Que bom! Já não estamos sozinhos! Ele vai nos levar para casa.

Pedro abraça as crianças e promete levá-las até seus pais.

Era muito tarde e Pedro, condoído por Teófilo carrega-o, e dando a mão a Otávio saem daquele lugar apressadamente.

Capítulo 13 Lúcia e Pedro

Saindo daquela casa, Pedro levava as duas crianças para seus pais. Não sabia ao certo como proceria, como seria seu encontro com Lúcia, depois de mais de 9 anos, como Otávio iria aceitá-lo como pai e Júlio, principalmente, como iria recebê-lo.

Pedro cismava e seu coração batia forte na ansiedade da incerteza.

Como encarar o amigo que lhe demonstrara tanto afeto? Não podia imaginar mais nada, somente sabia que trazia seu filho para entregá-lo à mulher amada, que um dia ele rejeitara.

Chegando perto da casa de Teófilo pára. Sentiu um movimento estranho, mesmo sendo noite avançada. Com certeza estão aflitos pelo filho, pensa ele. Não imaginava que Lúcia também estava ali junto aos pais.

Bate na porta e esta é aberta precipitadamente aparecendo Teodora, que pega o filho e em prantos o beija ardorosamente.

Lúcia também corre ao ver Otávio. Quem seria aquele senhor, quase moço, que encontrara seu filho? Ainda não conseguira ver seu rosto, mas ao examiná-lo sente um frio percorrer seu corpo e dando um grito cai no chão.

Pedro, desesperado, procura ampará-la e fazê-la recuperar os sentidos.

Augusta, paralisada, não sabia o que dizer. Júlio, que há pouco havia chegado, fica indignado ao ver o amigo com aquele que ele considerava seu filho.

Otávio apenas dizia: — Lúcia, acorda, quero lhe mostrar o meu anjo da guarda que você não acreditava existir.

Augusta chega até Pedro e comovida abraça aquele moço que mais parecia um velho, que trouxera o menino que estava perdido.

Júlio, mais afastado, apenas observa sem saber o que dizer, mas dentro de seu ser sente-se oprimido. Ali estava o homem que fizera tanto mal à sua família.

Aos poucos, Lúcia vai recobrando os sentidos. Abre os olhos com receio de ver a verdade.

Ali estava Pedro, bem à sua frente, um Pedro mais alquebrado, mais amadurecido pelos sofrimentos, mas os mesmos olhos sonhadores. Seria realidade ou era um sonho? Estaria mesmo vendo Pedro?

Não era nenhum sonho, pois seus amigos e familiares, ali, estavam observando a sua reação.

Lentamente, levanta-se e olha para aquele homem ao seu lado que a olha com tanta ternura.

— Lúcia, minha bem-amada, eu lhe trouxe o nosso filho, nada lhe aconteceu de mal. Você seria capaz de perdoar este homem que um dia você acreditou amá-la, mas que ainda a ama muito e quer reparar todo o mal que lhe fez? Tenho sofrido muito, só espero o seu perdão para podermos realizar o nosso sonho de 9 anos.

Todos, comovidos, ouviram as palavras de Pedro, sufocadas por tantos anos.

Lúcia, como uma sonâmbula, olha ao seu redor sem nada ver.

Em seus ouvidos, ainda permanecem o som da voz de Pedro, aquela voz que a fazia feliz, mas que a tornara tão amarga, descrente da vida e dos homens.

Todos ali esperavam sua resposta. Otávio não entendia bem o que estava se passando.

Leôncio, como era sabedor daquele segredo, se condoía daquele casal que ainda não conseguira ser feliz. Pedro continuava insistindo:

— Lúcia, minha Lúcia, me responde, quer casar comigo esquecendo o passado, olhando apenas o presente?

Lúcia pensava: “Como desejei ouvir essas palavras... mas, agora, valeria a pena enterrar o passado e viver o presente?” Levanta os olhos cheios de lágrimas, cuja dor era transparente. pois deixara calar seu coração jovem e se julgava traída, esquecida pelo homem que um dia, ela, juvenzinha, acreditara em seu amor.

Leôncio vem ao seu encontro.

— Lúcia, vamos deixar essa conversa para outro dia. Já se faz tarde, as crianças estão nervosas e com sono. Vamos aproveitar o momento para agradecer a Deus esse reencontro e outra hora vocês dois podem continuar essa conversa de longa data estacionada.

Todos se sentem mais à vontade. Júlio chama Augusta e começa a sair para não mais presenciar todo aquele enredo de amor que o deixava enojado. Despedem-se e Pedro se sente só com Leôncio e Teodora.

— Bem, Leôncio já o conhecia pelas conversas que tinha com João, aquele mau-caráter. Se não o tivesse seguido não iríamos encontrar as crianças tão cedo.

Teodora pede licença, pois iria colocar o filho na cama.

— Pedro, como a vida é cheia de surpresas; sempre estamos revendo antigos conhecidos e nem sabemos de

onde os conhecemos.

- É verdade, Leôncio, não sei porquê, mas sinto que o conheço de antiga data, mas o conheço.

Sentam-se e ficam muito tempo conversando, cada um contando sua vida e, ao se despedirem, pareciam velhos amigos que se reencontraram depois do regresso de uma longa viagem.

Capítulo 14 Lúcia enfrenta a realidade

O dia começava e Lúcia ainda não conseguira dormir. Como num sonho, revia Pedro ao seu lado, suplicando o seu amor. Foram tantos anos de espera, de desilusões, que ela mesma não sabia como enfrentar aquele problema, quase sem solução. Na verdade, o seu coração ainda batia forte por Pedro. Sonhara, muitas vezes, com aquele momento, mas fora muito de repente e sua cabeça rodava e ela não conseguia se equilibrar.

O seu primeiro impulso era atirar-se em seus braços, gritando que ainda o amava, por mais desenganos que ele lhe trouxera.

Seu amor próprio ferido fê-la calar-se. Seria muita humilhação aceitar assim tão depressa o homem que na hora mais importante e difícil de sua vida a abandonara. Iria conversar com seus pais e, em seguida, também conversaria com Otávio, contando-lhe toda a verdade. Achava que o menino iria recebê-la bem como mãe e como já gostava de Pedro, achando que ele era seu anjo da guarda, não haveria problema maior. mas, estava preocupada com o pai. Seria possível? Júlio perdoaria o amigo que o traía? Será que ainda restavam alguns cacos para serem recolhidos?

Pensando assim fica até tarde na cama, cismando, sem ânimo para se levantar. Sua mãe já havia entrado duas vezes no quarto, mas não tivera coragem de acordá-la.

Bem na hora do almoço, Júlio chama a mulher e a filha para uma conversa.

- Lúcia, diz ele, nesses anos todos não sentimos a falta de Pedro, pois ele somente nos infelicitou. Passei a beber pelo desgosto que tive de vê-la mãe tão novinha... mas sei que você ainda quer bem esse moço e por isso não posso negar ao meu neto que criei como se fosse meu filho, de conhecer e amar seu verdadeiro pai. Da minha parte, não vou fazer oposição para que você possa ter com ele um entendimento para a resolução de seu problema.

Augusta abraça o marido pelo seu desprendimento e Lúcia, comovida, diz apenas:

— Está certo, meu pai, vou refletir e depois lhe darei minha resposta.

Capítulo 15 Júlio se enfurece com João

No dia seguinte, quando João retorna à casa onde alojara as crianças, fica surpreso de não mais

encontrá-las ali. Fica perturbado. Procura por toda parte e não as encontrando, sai apressado com receio de que alguém tivesse levado os meninos.

“Como faria agora? Porque se deixara levar por uma vingança idiota e que de nada lhe valera? Como iria se apresentar à Lúcia e, na loja, como iriam recebê-lo, ao saberem da verdade?”

Meio cambaleante, com passos trôpegos, sai dali levando em seu coração a derrota de um homem fracassado.

Júlio sai de casa disposto a enfrentar João. Vai até a loja, mas não o encontra. Resolve esperá-lo. Duas horas

depois ele chega, apressado, e, ao chegar perto da porta de entrada, Júlio estende o braço e o faz parar.

— Oh! Sr. Júlio, que surpresa agradável! Não o esperava. O que houve?

— O que houve? Ainda tem coragem de dizer isso? Não tem vergonha de seqüestrar crianças daqueles que lhe davam

amizade a ponto de deixá-lo sair com elas? Por quê, João, você procedeu desta maneira? Que mal lhe fizemos? Sempre o recebemos bem assim como Otávio, que lhe dedica muito afeto e o considera como amigo.

João não sabia o que dizer. O palavreado alto fizera com que algumas pessoas se aproximassem e, curiosas, ficaram observando.

Júlio achou melhor se conter e convidou-o a irem conversar fora daquele local.

João vai saindo desconfiado, já com vergonha de seu ato maldoso, que iria lhe trazer maus momentos. Vão até a praça onde começam a conversar. Júlio não entendia por que o moço fizera aquilo e insiste na pergunta, com um pouco de violência.

- Diga logo o que você pretende, pois isso não vai ficar assim, não!

João era covarde, sempre que fazia das suas se escondia, mas ali estava alguém que pelos modos não iria se livrar dele. Gagueja, fica pálido, com a cabeça a rodar e cai em prantos.

Júlio, não esperando essa reação, fica até com pena do coitado.

— Sabe, Sr. Júlio, tudo isso é porque sua filha nunca quis saber de mim. Morro de amores por ela e só recebi desprezo; por isso quis me vingar, mas agora me arrependo pois as crianças nada tinham com isso.

B- É João, você errou muito, principalmente com as crianças que gostam de você. Sempre achei que você não tinha bom caráter. Há muito já desconfiava das suas manobras, mas de agora em diante estarei atento. Nunca mais você vai ver as crianças. Se tentar, chamarei a polícia. Não se atreva. Fique longe de mim e de meus familiares.

Júlio sai deixando João na maior agonia do desespero e do arrependimento.

Capítulo 16 A amizade verdadeira

Lúcia, depois que Júlio sai, se sente mais leve. Seu pai, que ela tanto temia, estava de acordo em que ela conversasse com Pedro.

Levanta-se, e preocupada com a loja, resolve ir até lá para dar satisfação ao Sr. José, que sempre fora um excelente patrão e amigo. Sai de casa, não com aquele ânimo costumeiro, mas com desânimo dentro do vazio de seu ser.

Não sabe por quê, mas seus passos se dirigem até a casa de Leôncio. Queria conversar e pedir aos amigos que lhe dessem apoio de como agir naquela tarefa tão árdua que era a de enfrentar a realidade de estar junto a Pedro.

Leôncio estava em casa, pois naquele dia também estivera indisposto e só iria trabalhar mais tarde.

É bem recebida pelos amigos a quem lhes expõe suas dúvidas e o medo de que estava possuída. Com receio diz:

— Leôncio e Teodora, como os considero meus verdadeiros amigos, quis primeiro conversar com vocês antes de

fala com Pedro. Vocês sabem de todo o meu drama que culmino[^] com o seqüestro dos meninos. Para mim, é doloroso esta perto de Pedro. Sei que ainda o amo; parece até ironia d destino. Nunca quis substituí-lo em meu coração como adivinhasse que um dia ele voltaria. O que faço? Desisto tudo? Mas como deixar Otávio sem conhecer seu pai verdadeiro?

Depois desse desabafo, Lúcia chora, deixando sair todo seu amargor nas lágrimas que deslizam em abundância pelo seu rosto.

Leôncio e Teodora sentem pena da amiga. Pensamentos estranhos passam pela mente de Leôncio. Era como se de muito longe ouvisse uma súplica daquela mesma Lúcia que ele covardemente abandonara um dia e se surpreende dizendo:

- O que é isso, Lúcia? Onde está a força que a fez vencer até os dias de hoje? Quer desistir, justamente no momento em que é vencedora?

- Ah! Meu amigo!, sinto-me desfalecer. E muito para mim, não sei como agir.

Teodora pega nas mãos de Lúcia e carinhosamente a estreita nos braços. Sentindo a amizade sincera dos amigos, Lúcia se sente mais animada, recobrando o ânimo de viver.

. — Está bem, então farei esse sacrifício, mas, Leôncio, gostaria que você pedisse a Pedro que viesse à noitinha até sua casa para conversarmos. Perto de vocês terei mais coragem, pois sei que estarei bem protegida.

Capítulo 17 José declara seu amor

Lúcia se encaminha até a loja, pois se sentia na obrigação de dar uma satisfação a José.

Chegando lá, este vem ao seu encontro um pouco apreensivo pela sua ausência. Timidamente, convida-a a vir à sua sala, pois necessitava falar-lhe a sós. José acompanha a moça que ainda faz o seu coração pulsar mais forte e antes que ela falasse qualquer coisa ele se precipita e, com voz amorosa, declara todo o seu amor retido há tanto tempo e a pede em casamento.

— Sr. José, diz ela, ainda espantada com todo aquele amor de seu patrão por ela, quero lhe contar a minha verdadeira história e depois o senhor irá me julgar.

Pausadamente, sem pressa, Lúcia narra todo o acontecido há 9 anos e, em lágrimas, diz que o estima muito, mas que ainda ama Pedro, o pai de seu filho.

José escuta de cabeça baixa e as lágrimas teimam em cair de seus olhos tristes. Deixara escapar a única mulher que amara. mas querendo vê-la feliz, renunciava àquele amor verdadeiro, de homem já maduro, experiente, querendo apenas torná-la mais alegre, apagando de sua memória os sofrimentos que passara durante todos aqueles anos de amargura.

Lúcia, desejo-lhe todo o bem. Quero que você seja feliz. Vou me contentar em vê-la formar uma família onde a paz e a alegria possam permanecer em seu lar.

— Sabia, Sr. José, que o senhor tinha uma alma nobre e que iria me compreender.

— Compreendo Lúcia, mas desejo ser o padrinho de tão linda moça que fez o meu coração andar descompassado.

Os dois começam a rir e Lúcia sai feliz, deixando José com uma grande desilusão.

Capítulo 18 O reajuste de Lúcia e Pedro

Lúcia foi para casa, pois tinha que voltar para o encontro com Pedro em casa de Leôncio.

Eram 18 horas. Pedro já se encontrava lá. Estavam desconcertados. Não sabiam se estendiam as mãos para os cumprimentos ou se ficavam feito estátuas uma em frente à outra.

Como sempre, Leôncio os salva.

— Bem, aqui estão e como sei que vocês têm muito que conversar, vamos deixá-los a sós para que resolvam essa conversa que deveria ter sido feita há 9 anos.

Sai, deixando Lúcia e Pedro como dois idiotas, olhando um para o outro, como que hipnotizados por um amor que estava guardado e explodia naquele instante. Aquele momento tão esperado por Lúcia é para ela um amontoado de dúvidas e pelo seu corpo passava um calafrio de desespero e ansiedade.

Nenhum dos dois tinha coragem de começar a conversar. Pedro olhava para Lúcia e sentia sua voz sumir na garganta; o mesmo acontecendo com Lúcia. De repente, ao mesmo tempo, os dois falaram: — “Vamos nos assentar para conversarmos melhor”. Assim, começam a rir e quebram o gelo que existia entre eles.

— Lúcia, diz Pedro, há muito procuro por você. Por uma coincidência do destino me vi na loja onde você trabalha. Depois, segui seus passos e descobri onde você mora e soube pelos vizinhos que Otávio era filho de Júlio, mas ao deparar-me com ele verifiquei que só poderia ser meu filho, pois se parece muito comigo. Você já sabe de tudo o mais e não preciso lhe dizer que sempre a amei desde o instante em que a vi. Amo meu filho e só quero casar-me com você, pois há anos minha esposa morreu em um desastre junto com meu filho. Desde lá tenho procurado você e graças a Deus aqui estamos juntos. Eu quero ouvir de seus lábios que ainda me ama e lhe responder hoje o que não pude responder há 9 anos. Lúcia, minha querida, minha bem amada, eu a amo e quero ser o homem mais feliz se hoje você me responder o que vou lhe perguntar: — “Lúcia, diz que me ama...”.

Lúcia, com lágrimas nos olhos, vai se aproximando daquele moço que um dia a rejeitara, pois laços outros lhe prendiam, e, amorosamente olhando em seus olhos, balbucia suavemente:

Sim, Pedro, eu o amo e quero casar-me com você. Não foi | toa que o esperei todos esses anos, pois alguma coisa me dizia aqui bem dentro do coração que um dia você voltaria.

Uma luz se irradia do alto como se os mentores amigos selassem aquele encontro tão desejado.

Capítulo 19 João desaparece

Depois do insucesso de suas investidas, João fica apavorado em aparecer na loja e encontrar Lúcia. Não se sente com segurança e depois de muito refletir chegou à conclusão de que deveria voltar para sua terra natal, onde deixara um dia, há muitos anos, sua mãezinha que, chorando, o abençoara para que fosse um grande homem.

Lembrava agora de seus carinhos, de sua voz ensinando-o a rezar para que nas horas de aflição pudesse pedir a Deus que o protegesse. Era filho único, sem pai, e viviam em grande pobreza.

Um dia, um tio o convidara a vir tentar a vida no Rio de Janeiro. Para ele, que sempre sonhara com a cidade grande, foi uma grande alegria. Prometera à mãe que logo que se estabelecesse viria buscá-la. Os anos se passaram, ele conseguira estabilidade, mas os prazeres de uma cidade que lhe oferecia tanta coisa boa fazia com que ele, preso aos prazeres mundanos, adiasse aquela promessa tão importante.

Suas cartas não eram mais tão assíduas. Nunca mais fora ver seus parentes e depois que conhecera Lúcia não mais se correspondeu com a mãe. Se desculpava dizendo: — “Logo que conquistar Lúcia irei levá-la para conhecer mamãe”.

De moço bom e responsável, torna-se mais um qualquer.

Não tinha mais os conselhos da mãe e assim se deixava levar por aquele amor impossível, que fizera dele um outro homem, sem escrúpulos e sem temor a Deus.

Pego assim pelas teias do destino, resolve voltar ao lar materno, fugindo de tudo que o infelicitara.

Com sua pequena bagagem, com algum dinheiro que daria para iniciar uma vida diferente, João salta do trem e contempla sua terra, de onde nunca deveria ter saído. Vai andando devagar, trazendo no coração as recordações de tudo que fizera, mas que queria enterrar bem no fundo do seu ser, e, devagar, com passos lentos, iria encontrar sua mãe, atirando-se em seus braços, dizendo:— “Minha mãe, voltei, cuide de mim, preciso muito de seu amparo”.

E assim, mais uma ovelha desgarrada volta ao seu rebanho.

Capítulo 20 Otávio aceita Pedro como pai

Foi acertado com Pedro que no domingo ele iria ter uma conversa com Otávio para se conhecerem melhor e assim poderem se abraçar como pai e filho.

Pedro se sentia ansioso. Suas mãos tremiam, segurando um presentinho para o filho. Lúcia queria que os dois ficassem sozinhos para que assim, sem constrangimentos, Pedro pudesse dizer que era seu pai.

Otávio havia chegado da rua, fora tomar um copo d'água e Lúcia o convida para ir até a sala onde uma visita o espera. — Olá, meu anjo da guarda! Como vai?

— Bem, Otávio, vim hoje, pois desejo lhe contar uma linda história onde todos nós tomamos parte.

Otávio se interessa e vai se assentando junto a Pedro, que, tendo o corpinho do filho junto ao seu, sente uma grande emoção.

— Bem, Otávio, vou lhe contar uma linda história de amor: Há 9 anos, um jovem de 26 anos, cheio de ilusões, gostando da vida que até aquela data fora tão boa para ele. Conheceu no trabalho um jovem senhor e ficaram muito amigos, uma verdadeira amizade. Um belo dia, esse amigo o convida a jantar em sua casa e assim ele conheceu uma jovencinha de 14 anos e ambos se apaixonaram perdidamente; só que depois de algum tempo essa jovem ficou esperando um filho seu, mas ele era casado, tinha mulher e filho e não podia casar com ela e queria que ela tirasse o filho. Foge feito um ladrão, deixando a mocinha chorando sem ao menos se despedir.

— Os anos se passam, a criança foi crescendo, pensando que os avós eram seus pais.

— Em um desastre, a mulher e o filho deste moço morrem e desde então ele procurou a mocinha para remediar o mal que ele havia feito. Não sabia que o filho existia, mas ao vê-lo, sentiu que ele era mesmo seu.

- Agora que conseguiu encontrar a moça e o filho, o que você acha que ele deveria fazer? Mostrar-se ao filho e lhe dizer tudo isso que estou lhe contando, ou deixar que eles continuem o seu caminho e ele o seu? O que você faria?

- Ora, meu amigo, eu diria que queria casar com a moça e ter o meu filho comigo.

Sem sentir, Pedro abraça o filho enquanto Otávio, surpreso, pergunta:

— Por acaso sou eu o seu filho perdido e achado?

- Sim, Otávio, quero lhe pedir perdão por tudo e para que me chame de pai.

- Então papai Júlio não é meu pai? E meu avô? Sempre tive vontade de ter avô e avó e agora tenho um pai, um avô, uma avó e também uma mãe como Lúcia, que sempre amei mais que tudo na vida.

Nesse instante, todos entram na sala e Lúcia o abraça chorando e pode dizer finalmente:

! Meu filho, agora posso chamá-lo meu filho.

Abraçados, os três ficaram assim, um bom tempo, sentindo os seus corações batendo em um ritmo compassado de pessoas felizes.

Capítulo 21 Momentos finais de verdadeiro amor

Lúcia e Pedro na sala, ficaram se olhando como se o passado voltasse e eles ali fizessem parte do presente.

Dentro de seus corações, havia um milhão de perguntas cujas respostas seriam dadas com o passar do tempo.

Lúcia esquecera tudo. Ali estava Pedro, mais velho, mais amigo, mais compreensivo, mais maduro e cheio de amor para lhe dar, aquele amor que um dia ele lhe negara.

Sacode a cabeça como para afastar pensamentos negativos e sente que a felicidade voltava para ela, mas com mais segurança.

Com as mãos entre as mãos do homem amado, ela se sente uma menina de 14 anos. Não quer lembrar o que havia passado. Ali estava o amor que ela tanto almejava. Fecha os olhos e agradece a Deus tudo o que estava recebendo.

Nisso, Pedro, falando, consegue desviar seus pensamentos.

— Lúcia, minha querida, agora precisamos marcar o casamento, pois temos que dar assistência ao nosso filho. O que você acha para daqui a um mês? Está bem assim?

— Como você quiser, Pedro. Quero somente estar perto de você, não me importa, o que você decidir está bom.

— Já fiz você sofrer muito, quero agora fazê-la muito feliz junto a nosso filho e a seus pais, que foram tão compreensivos na época em que fui um doidivanas.

Lúcia, feliz, se aconchega nos ombros de Pedro e sorrindo como se tudo no Universo representasse aquele instante pede: — “Pedro, diz que me ama para que eu possa ter a certeza de que não estou sonhando”.

- Nem l preciso lhe dizer que a amo muito e que sofri durante tantos anos por não lhe ter dito: — “Lúcia, eu a amo muito, como ninguém no mundo amou alguém”.

Feliz, o par enamorado sai da sala, de mãos dadas, como se nada mais importasse para eles, somente a presença de um e de outro, e, de repente, um raio luminoso vai deixando sob seus pés a mensagem do amor verdadeiro, do encontro de duas almas que no passado se distanciaram, mas que na presente vida se encontram novamente.

E assim, juntos mais uma vez, conseguem conquistar mais uma etapa no tempo da vida.